

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

LUZILENE LEAL PINHEIRO

**Mulheres anônimas e o poder invisível: As Dirigentes de Círculo de Oração nas
Assembleias de Deus em São Luís**

SÃO LUÍS

2019

LUZILENE LEAL PINHEIRO

**Mulheres anônimas e o poder invisível: As Dirigentes de Círculo de Oração nas
Assembleias de Deus em São Luís**

Monografia apresentada ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do
grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dr. Elba Fernanda Marques
Mota.

São Luís
2019

Pinheiro, Luzilene Leal.

Mulheres anônimas e poder invisível: as dirigentes de círculo de oração nas Assembleias de Deus em São Luís / Luzilene Leal Pinheiro. – São Luís, 2019.

96.f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Elba Fernanda Marques Mota.

Mulheres. 2. Círculo de oração. 3. Assembleia de Deus. I. Título

CDU: 305:284.1/.2(812.1)

LUZILENE LEAL PINHEIRO

**Mulheres anônimas e o poder invisível: As Dirigentes de Círculo de Oração nas
Assembleias de Deus em São Luís**

Monografia apresentada ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão para obtenção
do grau de licenciatura em História.

APROVADA EM: ___ / ___ / ___.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a)

Elba Fernanda Marques Mota

Examinador (a)

Carlos Alberto Ximendes

Examinador (a)

Elizabeth de Sousa Abrantes

O moralismo é um dos disfarces da hipocrisia.
É a proteção que usamos para distrair os que
que nos cercam, evitando que descubram nosso
triste habito de condenar publicamente o que
praticamos na particularidade.
Pe. Fabio de Melo.

Agradecimentos

Agradeço ao meu Deus pela graça de permitir a escrita desta pesquisa, a minha mãe uma grande incentivadora para construção desse trabalho, ao meu irmão André e Arlene embora nada entendesse da pesquisa sempre davam conselhos maravilhosos para que não viesse a desistir do tema, aos meu amados sobrinhos Gleydson, Gleyson, Raysa, Vitor, Rayká, Wagner, Arthur, Lara Sophia, Giovanna, Ryan e Thalyson. Aos meus irmãos. Lucilene, Regina, Ednaldo, Luciane, Luciene, Luziane, Luziene, e Edvaldo a irmã Ludmila uma dirigente de Círculo de Oração da nova geração que foi a causa da escolha do tema a ser estudado. As atuais dirigentes Dionete Pires, Angélica Borges, Concita Viegas e Joana Célia, pelo incentivo e as indicações das entrevistadas. A professor André Câmara ao Casal Flor e Neilon que por diversas vezes facilitaram meu contato com alguns documentos e livros da Assembleia de Deus, aos meu amigos do curso de História em especial a Claudienne minha amiga e fiel escudeira, ao Rosivaldo por nunca recusar um convite meu nas incansáveis ida ao Templo Central, ao David pelos esclarecimentos e dicas a respeito da pesquisa, a bibliotecária Rejane e Raquel que se dispuseram a tirar minhas dúvidas quanto as referências e citações do trabalho, ao meu amor Carlos Renan que mesmo distante tem sido meu suporte, ao meu grande amigo Anderson uma pessoa maravilhosa no qual eu tive a grande honra de conhece-lo. A minha orientadora Elba Fernanda por te me aturado todo esse tempo ao Gabriel Fernando pelas trocas de ideias ao João Carlos e Luís Thiago pela amizade sincera, aos funcionários do curso Jô, seu Marcos e Gilberto, Aos membros congregados da igreja Shalom pelo apoio e orações em especial ao Círculo de Oração Manancial de Bençãos.

RESUMO

Este trabalho faz uma análise da participação das mulheres nos templos das Assembleias de Deus em São Luís, mais especificamente as reuniões de interseções denominadas de Círculos de Oração um trabalho criado e realizado por mulheres desde 1942, tendo como recorte as décadas de 40 a 90. Anos de afastamento das mulheres em relação a participação das mesmas nas organizações e cargos ministeriais fizeram com que elas através desses trabalhos conseguissem destaques e maiores atuações nesses locais que são conhecidos por um conservadorismo tradicional.

Palavras-Chave: Mulheres, Circulo de Oração, Assembleia de Deus.

ABSTRACT

This work analyzes the participation of women in the temples of the Assemblies of God in St. Louis, more specifically the meetings of intersections called Prayer Circles a work created and carried out by women since 1942, having as a cutout the 1940s to 1990s. Years of women's removal in relation to their participation in ministerial organizations and positions have caused them through these works to achieve highlights and greater performances in these places that are known for conservatism Traditional.

Keywords: Women, Prayer Circle, Assembly of God.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. SUECIA E ESTADOS UNIDOS O PENTECOSTALISMO EURO AMERICANO EM TERRAS BRASILEIRAS	11
1.2 As novas perspectivas da história oral	12
1.3 Diálogos Conceituais entre Gênero e Religião.....	15
1.4 A violência de gênero nos espaços religiosos.....	24
1.5 Da Reforma Protestante ao Pentecostalismo moderno e suas variantes	26
1.6 Assembleia de Deus no Brasil.....	30
1.7 Assembleia de Deus no Maranhão.....	34
2. A DOCTRINA DA IGREJA FRENTE AO TRANSCURSO DO TEMPO	37
2.2 A metamorfose assembleiana e as controversas dos usos e costumes.....	38
2.3 A subjetividade feminina e a polêmica da ordenança pastoral das mulheres.....	44
2.4 A Resistência Feminina e a criação dos Trabalhos de Círculo de Oração.....	51
2.5 Doença e Morte como consequências do pecado.....	53
3. MULHERES ANÔNIMAS E O PODER INVISÍVEL	57
3.2 O Trabalho de Círculo de Oração em São Luís e sua representatividade nas igrejas pentecostais	61.
3.3 Entre lutas e vitórias: O legado de Teresinha do Amaral.....	63
3.4 Círculo de Oração trabalho de Complacência ou Resistência feminina.....	70
3.5 O perfil das dirigentes de Círculo de Oração.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
APÊNDICES	82

INTRODUÇÃO.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a condição feminina nos templos das igrejas Assembleias de Deus em São Luís, dando destaque as mulheres que assumiram a postura a de líder nuns espaços que são tradicionalmente conhecidos pelo conservadorismo.

Embora a decisão de oficializar a escolha do objeto de pesquisa tenha sido tardia pela razão da não afinidade com os estudos que envolvesse a temática gênero, principalmente aplicado no campo da religião, tendo em vista que eu, na condição de pesquisadora estava inteiramente ligada as questões religiosas.

De início, várias foram as influências das minhas praticas religiosas com a pesquisa, pois se tratava de um assunto recém acolhido no qual tinha pouca ou nenhuma afinidade, mas, mediante a leitura de obra do autor Rubem Alves, o que é Religião? Pude identificar diferentes interpretações a respeito das religiões. Pois cada religião usa de normas e guias de passo-a-passo, para chegar a um deus.

A leitura da obra foi fundamental, para que pudesse obter um distanciamento do meu objeto de pesquisa em relação as práticas religiosas, nasci num ‘núcleo’ familiar onde os princípios evangélicos eram traços marcantes. Minha mãe uma participante assídua dos trabalhos de círculo de oração e desde a minha infância me obrigava a participar dos trabalhos.

Apesar de frequentar apenas para dormir nas cadeiras, cresci vendo aquele trabalho com outras perspectivas, tal como uma possível evolução daquelas mulheres ocupando lugares que antes eram exclusivas dos homens e também certas indagações, que nessa pesquisa pretendo analisar lá mediante as entrevistas realizadas por mulheres que se tornaram referências nesses trabalhos femininos.

Embora nunca ter participado de grupo de pesquisa relacionado ao tema, é necessário contribuir para os estudos que compreendem a respeito do movimento pentecostal no Brasil, tendo em vista que se trata de uma área de estudos ampla e andamento, mas em contra partida o que se tem produzido a respeito do pentecostalismo no Maranhão ainda é muito pouco explorado pelas academias.

Segundo (Freston 1994) O pentecostalismo brasileiro já tem 80 anos de existência e talvez 13 milhões de adeptos, mas ainda não conta com sequer uma história acadêmica. Em se tratando do movimento pentecostal maranhense há uma lacuna poucas são as produções acadêmicas a respeito do assunto.

Nesse sentido o historiador Lyndon de Araújo Santos, *As Outras faces do Sagrado: protestantismo e cultura na primeira República* (EDUFMA, 2004).

Possibilitando um novo olhar a respeito do movimento pentecostal no Maranhão, um estudo diferenciado daquele que é apresentado e ensinado nas igrejas, contribuindo com o tema, o trabalho de monografia defendida em 2006 pelo historiador Pekelman Halo Pereira Silva, deu continuidade aos trabalhos ao abordar as primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luís (1921-1957)

O movimento pentecostal no estado do Maranhão deu seus primeiros passos com as pesquisas já mencionadas, porém ao delimitar o tema e atrelando a questão de gênero ainda estamos longe de suprir a falta de pesquisas relacionadas a questão das mulheres nos âmbitos religiosos no Maranhão, o primeiro estudo voltado a essa temática.

Trata-se da pesquisa da historiadora Elba Fernanda Marques Mota defendida em 2009 *O Poder, a Subjetividade e a Condição feminina no espaço protestante da Igreja Assembleia de Deus*. O trabalho ressalta a posição que as mulheres assembleianas ocupam dentro dos templos, assim como sua participação em trabalhos da igreja.

Pouco se produz a respeito da condição feminina nas igrejas pentecostais, principalmente na Assembleia de Deus onde há grande dificuldade para obtenção de documentos, vendo essa necessidade de pesquisar sobre a participação e a relevância das mulheres nas igrejas assembleianas.

Iniciei a pesquisa intitulada *Mulheres anônimas e o poder invisível: As dirigentes de Círculo de Oração das igrejas Assembleias de Deus com o recorte temporal as décadas de 40-80 período em que iniciou e expandiu os trabalhos de Círculo de Oração em todo o Brasil em especial o Maranhão*.

Iniciativa que retirou muitas mulheres do anonimato e sujeição para ocuparem lugares de maior representatividade nas igrejas, embora essa mudança seja de forma lenta é perceptível que nessas igrejas onde os códigos moralistas e costumes centenários ainda são marcas bem presentes.

No primeiro capítulo do trabalho faço um resgate a respeito da origem pentecostalismo na Inglaterra, Estados Unidos, Brasil mais especificamente no estado do Pará até sua chegada em terras maranhenses.

No segundo capítulo abordo a respeito da luta das mulheres por maiores representatividades, assim como a origem dos trabalhos de Círculo de Oração no estado do Recife e no Maranhão como forma de resistência feminina frente ao conservadorismo religioso, tendo como base o legado de Teresinha do Amaral dirigente de Círculo de Oração por mais de 40 anos.

E concluindo, o terceiro capítulo apresenta abordagens a de temas tabus nas igrejas Assembleias de Deus, tal como a relação das mulheres com os usos e costumes, o pastorado feminino palco de disputas e cisões dentro da membresia assembleiana.

Desse modo desejamos contribuir para uma nova perspectiva a respeito da mulher nas igrejas assembleia de Deus e colaborando para o um melhor desenvolvimento da historiografia maranhense.

1. SUECIA E ESTADOS UNIDOS O PENTECOSTALISMO EURO AMERICANO EM TERRAS BRASILEIRAS.

Este capítulo mostra de que forma a implementação do movimento pentecostal nos Estados Unidos e sua chegada no Brasil resultou num trabalho realizado por mulheres durante 78 anos em todas as igrejas Assembleias de Deus no Brasil, levando em consideração que desde a sua fundação em 1911, as atribuições das mulheres já eram papéis definidos quanto a organização e distribuições de cargos ministeriais.

Tendo em vista que toda a história centenária da A.D, baseia-se do mito fundante e seus pioneiros, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que supostamente tiveram um chamado divino, para realizar uma obra missionária que iria marcar profundamente a história do Brasil no século XIX, período que favoreceu para criação e expansão do evangelho pentecostal.

Na cidade de Belém, nessa época, era comum ver pessoas portadoras de doenças – lepra e febre amarela – andarem pelas ruas normalmente [...] Dessa maneira as classes mais pobres não tinham outro recurso senão buscara cura ‘divina’ e os missionários suecos conhecedores dos propósitos de Deus, trabalhavam de dia e noite em busca de um conforto espiritual para os doentes, familiares dos doentes, entre outros. (Correa.2013, p. 70)

Percebe-se que o contexto da época o evangelho pentecostal encontra maior aceitação entre as classes menos abastadas, que no momento estava à procura de curas para as dores físicas, enquanto a igreja oferecia alívio e conforto espiritual para alma do necessitado, demonstrando uma forma clara de trocas em que beneficiava ambos os lados, táticas que a igreja AD se utiliza para alcançar maior número de fies possível.

Portanto, as religiões pentecostais (protestantes) se instalaram nas periferias das grandes cidades do país e ofereceram a seus fiéis (em troca de dízimo) práticas religiosas e de sociabilidade grupais, que buscavam fortalecer o indivíduo e sua relação com a coletividade, em resposta às urgências sociais, especialmente materiais. (Scovane, 2008)

Sendo conhecida hoje como a maior denominação pentecostal no Brasil, segundo os dados do IBGE houve um crescimento significativo dos números de pessoas que se declaravam evangélicos da igreja A.D, o censo realizado em 2000 constatou que cerca de 15,4% da população brasileira se declaravam evangélicos, esse número relativamente quase que dobrou para 22,2% em 2010.

Esse crescimento vertiginoso dos evangélicos no Brasil colaborou para que houvesse grandes demandas historiográficas da igreja, principalmente no âmbito da condição feminina nos templos assembleianos, visto que em 2000 cerca de 8,4 milhões de brasileiros se declaravam membro ou congregados das A.D, porém há de se perceber que a parte majoritária dos fiéis assembleianos são mulheres, o objeto central da pesquisa e o trabalho realizados por elas desde de 1942.

1. 2 As novas perspectivas da História Cultural

O trabalho insere-se dentro dos estudos de gênero, assim como no campo da história Cultural e das Religiões, voltado à pesquisa sobre os trabalhos produzidos pelas dirigentes de Círculo de Oração, realizado por mulheres evangélicas na Assembleias de Deus em São Luís.

Falar de história cultural sem mencionar a Escola dos Annales é tarefa impossível visto que através deles foi possível distanciar se das abordagens tradicionais, denominadas de positivistas onde prevalecia os estudos políticos e de homens notáveis na história, afim de combater a história factual, Bloch e Febvre passaram a criticar a forma como os demais historiadores privilegiavam os segmentos políticos.

Tendo incorporado o “ponto de vista” das ciências sociais, os Annales recusaram os objetos da história tradicional e criaram novos. Os objetos do conhecimento recusados: a política, as relações exteriores dos Estados nacionais, as suas guerras e a biografia de seus grandes líderes. Os Annales recusaram, fundamentalmente, a história política, que era a história a serviço dos Estados nacionais: seus heróis, suas batalhas, sua diplomacia, suas pretensões imperialistas. Febvre critica a preferência positivista pelo político: “política primeiro! Não há só Maurras para dizê-lo [...] nossos historiadores fazem mais do que dizer: eles o aplicam” (Reis, 1994, p. 71-72).

Note que o movimento foi responsável pelo ampliamto da concepção dos documentos, e a partir desse momento houve uma valorização de novas fontes, tais como, orais, iconográficas e próprias fontes escritas sendo que essa última muito valorizada pelos positivistas.

Os *Annales* por sua vez tinham por objetivo em retirar a disciplina história do isolamento, para que ela estivesse aberta às novas formas de problemática e metodologias recorrentes em outras disciplinas das ciências sociais, tais como a história cultural, social e econômica, estas novas abordagens intensificaram diálogos com a interdisciplinaridade. (REIS:1996: 65,66)

Com Bloch, Febvre e Braudel, o encontro com as ciências sociais foi vivido em meio à euforia. A sociologia, a geografia humana, a economia, a demografia, a psicologia enriqueceram de tal maneira os Annales que até se pensou que a história tinha encontrado seu método definitivo e caminhava rapidamente em direção a um conhecimento exato. E, de fato, de 1929 a 1970, as relações com essas ciências trouxeram os resultados mais significativos para a história. A história econômica, com Simiand e Labrousse e seus seguidores, chegou a resultados impressionantes pela qualidade das obras; a história econômico-social, a partir de Bloch, obteve o mesmo sucesso; a história das mentalidades, antropológica, após Febvre e Bloch também teve o mesmo desdobramento positivo. Nestas alianças, a história seguia tantas orientações quantas tinha cada ciência com a qual se associava.

Essas transformações ocorridas dentro do movimento ocasionaram erros graves, pois o casamento com as novas abordagens das ciências sociais fizeram com que os Annales se distanciasse dos assuntos primários, porém viabilizou para que as mulheres pudessem ter seus espaços de atuações na revista, porém isso não significou que as mesmas pudessem atuar de forma mais ampla.

Os historiadores anteriores dos Annales haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionado as mulheres de tempo em tempo, desde Marguerite de Navarre às chamadas bruxas (Fauré, 1980, Stuard, 1981). (Burke, 1991)

Nesta geração, contudo, a crítica torna-se cada vez mais improcedente. Georges Duby e Michèle Perrot, por exemplo, estão empenhados em organizar uma história da mulher em vários volumes. As novas abordagens da escola dos Annales favoreceram não somente a inclusão das mulheres nos estudos históricos, mas também o alcance de novas fontes de pesquisas.

Essa valorização das demais fontes trouxeram novos enfoques e metodologias, mantendo um diálogo com outras disciplinas como a psicologia, antropologia e a geografia, em torno de 1929 cria-se várias perspectivas dentre elas, a inclusão de pessoas comuns, possibilitando contar uma história a partir de uma pessoa sem muito destaque na sociedade.

Por volta de 1970 inicia-se a formação da nova história cultural, considerada uma ramificação dos Annales, possibilitando os estudos a partir das representações produzidas pelo próprio sujeito (depoimentos, imagens, filmes e pinturas) essas reproduções viabilizou diferentes formas de interpretação sobre um determinado fato.

Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e

direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. (Hunt, 2001, p.2)

A utilização da expressão Nova História Cultural dar se por conta de ter havido uma velha, antiga ou tradicional história cultural, foram deixadas de lado concepções de viés marxistas, que entendiam que a cultura como integrante de super estrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, por tanto, com domínios da elite. (PESAVENTO, 2005)

Há um avanço significativo de estudos voltados a área da história cultural, visto que esta engloba várias manifestações de uma sociedade, dentre elas a religiosa. Por ser um assunto controverso, o conceito de cultura, muitas vezes cai na definição do senso comum ao interpretar a cultura como tradição, já que elas denunciam o costume de uma região.

Mas podemos identificar a Nova História Cultural como sendo um continuo alargamento do conceito antropológico, já estabelecido pelo antropólogo Eduardo Burnett Tylor (1871) Cultura... é o “complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Apesar do conceito definido por Eduardo Tylor tenha se tornado obsoleto a cultura não é um poder, algo que no qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade. (GEERTZ 2008, 10)

Geertz assimila cultura como algo que deve ser percebido, não cabendo assim uma definição, pois ela compreende um imenso mecanismo de significado. A cultura pode ser classificada como Material e Imaterial, ela pode ser encontrada tanto em espaços privados, como um circo ou teatro, ou em manifestações de ruas.

Corroborando com os estudos da história cultural o historiador Francês Roger Chartier apresenta um conceito de cultura como importante enfoque para a compreensão de uma realidade social que vai se diversificando por múltiplos entendimentos.

Nesse sentido, o historiador a define como: ‘A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos’. (CHARTIER,2002, p.16-17)

A partir dessas novas abordagens a história cultural ampliou novas perspectivas, a escola dos Annales ao abraçar a interdisciplinaridade possibilitou que se ampliasse os estudos históricos dando voz e vez a sujeitos comuns começando a um surgimento de uma história vista por baixo.

Que por sua vez também englobou os estudos voltados as Religiões que se desenvolveu a partir do século XIX, constituindo posteriormente num campo epistemológico específico dentro das ciências históricas, tomando o método comparativo como essencial nas suas formulações.

Contudo os novos métodos experimento com a revolução historiográfica houve uma maior aceitação por parte dos pesquisadores em atender demandas dos grupos que ora estavam a margem dos grupos favorecidos pela escola positivistas, que ao desprezarem temáticas que incluíssem a história das mulheres acabaram colaborando para uma dívida com as mesmas, embora os Annales tenham suprimido essas lacunas.

1. 3 Diálogos conceituais entre Gênero e Religião

Para entendermos a importância de se estudar a história das religiões e suas representações e significados para sociedade, devemos ter o cuidado em não confundir conceitos básicos entre Religião e Religiosidade, visto que ambas dialogam intensamente, mas não podem ser confundidas, segundo os autores entende-se por religiosidade.

O sentimento, as práticas e as expressões pessoais dos fiéis: portanto existe uma pluralidade de formas de religiosidade, as vezes no interior de uma única religião, a exemplo do cristianismo, no qual podemos distinguir uma religiosidade católica, uma religiosidade protestante, que é plural, bem como as práticas religiosas típicas dos cristãos ortodoxos. Em outras palavras: não há uma hierarquização entre religiosidades e religião, mas apenas uma ênfase na devoção pessoal do fiel ou na instituição religiosa correspondente. (QUADROS e SILVA, 2011. P, 2010.)

Conceituar religião é o primeiro passo para definir nosso objeto de pesquisa, levando em consideração o que se entende por religião torna-se o centro norteador de várias áreas das ciências humanas, segundo (Durkheim, 1978) a religião tem como função principal a interação das pessoas e não pode ser atrela ao isolamento, pois esta última trata das questões da religiosidade.

A função interagir definida pelo sociólogo se adequa aos trabalhos realizados pelas mulheres nas Assembleias de Deus em São Luís, visto que elas compõem a parte

majoritária dos templos e não possuíam um trabalho específico e dirigidos por elas, daí a necessidade de se fazer frente, ao conservadorismo e patriarcalismo dominante.

Os estudos voltados a história das religiões no Brasil têm um caráter tardio, saiu da ala dos analistas religiosos e teólogos adentrando de forma gradual nos centros acadêmicos, pois trata-se de uma história das crenças, dos ritos, dos mitos, dos dogmas, das relações do fiel com o sagrado, inseridos num contexto social específico, percebendo suas mudanças e processos de transformação. (Quadros e Silva, 2011)

A Religião não pode existir em sistema de isolamentos ou destacamento de um grupo em detrimento do outro. Segundo (Costa, 2015) tratar de religião e gênero no Brasil é uma tarefa difícil, visto que, de um lado existem aspectos de uma comunidade tradicional de valores centenários próprios e, do outro, as conquistas necessárias à promoção da igualdade de gênero. Mas impor a uma comunidade tradicional certas posições politicamente adequadas pode ferir um princípio de conservação dos costumes tradicionais.

Sendo que a igreja A.D devido ao seu contexto histórico aderiu um caráter mais conservador e doutrinas mais rigorosas a todos os seus fiéis, mas com maiores imposições as mulheres ao que tange a estética e vestimentas, assumindo um caráter mais simples com roupas longas, pesadas e inadequadas ao clima quente e seco principalmente na região nordeste.

Tratar das relações de gênero nas igrejas pentecostais tem sido um trabalho árduo, pois de acordo com as transformações vigentes na sociedade, a igreja acabou por se remodelar e adquirir para si aspectos que antes nunca foram vistos em seus templos, a começar pelos trajes femininos e a busca das mulheres em se equiparar aos homens.

As igrejas pentecostais em busca de conter essas transformações que ocorrem fora dos padrões religiosos, não poupava esforços para manter seus discípulos fieis as normas e doutrinas estabelecidas, fato esse que a revista de maior circulação nas Assembleias de Deus nos trabalhos de Escola Bíblicas Dominicais (EBD), não poupava críticas aos avanços da modernidade na sociedade.

No terceiro trimestre de 2015 circulou entre os adolescentes a revista onde abordava o seguinte tema: Secularização. Demonstrando o descontentamento dos líderes em relação a aproximação dos crentes com as práticas ditas mundanas e os alertas dos

perigos que esse estreitamento pode causar na vida pessoal do indivíduo e na coletividade da igreja.

O grande desafio que a Igreja enfrenta, nestes dias que precedem a volta de CRISTO, é a pressão e o engodo do secularismo sobre ela. A influência do mundanismo que se manifesta em forma de apelo, fascínio, mistura, prazer e imitação, resulta em perda dos valores e virtudes cristãs, no enfraquecimento e estagnação da Igreja. Nos mais diferentes lugares, percebe-se a sutil e crescente infiltração do mundanismo na Igreja sob a forma de conceitos, comportamentos e práticas anticristãs. Esta lição trata dessas manifestações cada vez mais evidentes, conhecidas como secularização ou mundanização da igreja. A secularização da igreja é o modo como está vive, age e acomoda-se aos padrões do mundo. Pervertem-se os ensinamentos bíblicos, abandona-se o que é SANTO, utiliza-se a fé com fins escusos e se adotam ideias contrárias à doutrina cristã. De repente, a santidade do ESPÍRITO, alma e corpo não têm mais tanta importância; assim dizem os desviados secularistas: "o que importa na pessoa é o coração". (Revista EBD, 2015)

Apesar da revista ter um destinatário específico, as normas no qual foram transcritos se aplicam em termos gerais em toda congregação, vale ressaltar que o medo de uma suposta secularização das igrejas se baseia num rompimento de leis e normas estabelecidas pelos homens como forma de manter o controle sobre seus fiéis.

Mas impor a uma comunidade tradicional certas posições politicamente adequadas pode ferir um princípio de conservação dos costumes tradicionais. De acordo com a historiadora Michelle Perrot (2007), "a afinidade das mulheres com a religião é uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que as religiões representam poder sobre as mulheres e poder das mulheres".

A religião exerce "poder sobre as mulheres" por ter na diferença entre os sexos um de seus fundamentos, muito comum entre as grandes religiões monoteístas. No entanto, a religião torna-se a "poder das mulheres", quando estas conseguem transformar a posição de submissão que aquela lhes reserva, na base de um "contrapoder" e de uma "sociabilidade". Dessa maneira, a religião, ainda que reforce a submissão das mulheres, apresenta-se como um abrigo às suas misérias (PERROT, 2007, p.83).

As transformações decorrentes no mundo secular acabaram influenciando na vida dos membros e congregados, aquilo que os líderes afirmam ser conceitos e comportamento anticristão que surgiram para corromper os bons costumes da cristandade, na realidade são novos ventos de liberdades doutrinárias, conquistas contra a sujeição feminina e equidade entre os gêneros.

Percebe-se que o termo gênero nas representações cristãs, é socialmente atrelado a uma imposição e perpetuação das funções estabelecidas para homens e mulheres. Pois através desse discurso falacioso cria-se a prerrogativa de que Deus assim estabeleceu essas atribuições, desencadeando um imaginário de que o Deus constituiu o homem de autoridade.

Desde na infância dos meninos a hiperatividade, a agressividade, ao contrário das meninas, é esperada, estimulado e mais tarde naturalizado. A menina será sempre educada, para o cuidado, serviço e recebendo sempre casinhas, bonecas, limitando sempre os espaços da casa. Os meninos receberão aviões, bolas, carros, o que implicará seu imaginário pois não dá pra viajar de avião dentro de casa, ou correr com esses carrinhos nesses espaços. É preciso mais do que o espaço da casa. (VILHENA. 2009, p.85)

Tal representação torna-se perigosa, pois deixa o conflito entre gêneros mais delicados legitimando esse distanciamento nas desigualdades e fomentando a construção identitária com excessos de poderes, privilégios e direitos sob os demais, além disso, tornou-se um conceito já estruturado pelas famílias.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seus locais, de seus momentos e de seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo ao lugar de assembleia e de mercado reservado aos homens, e a casa, reservadas as mulheres; ou, no interior desta, a parte masculina e a feminina, com o estabulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de rupturas, masculinos e longos períodos de gestação, feminino. (Bourdieu. 2002, p.33)

Essa é a realidade cotidiana da maioria das mulheres. Está marcada por uma formação de conceitos morais cristão que são apreendidos na família, na escola ou nas ruas, mas de uma maneira especial nas igrejas. Essas ideias fundamentam uma forma de poder que se constrói e experimenta desigual. (Neuenfeldt.2006)

Tal representação torna-se perigosa, pois deixa o conflito entre gêneros mais delicados legitimando uma separação nas desigualdades e fomentando a construção identitária com excessos de poderes, privilégios e direitos sob os demais, além disso, tornou-se um conceito já estruturado pelas famílias.

Talvez se possa dizer que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a Teologia Feminista. (Rosado, 2001)

A teologia cristã feminista, estão num processo de redescobrimto, de que o evangelho cristão não pode ser proclamado, se não se recordarem das discípulas cristãs mulheres e o que elas fizeram. (Fiorenza. 1992, p.10)

A Teologia Feminista, segundo (Gebera, 2006). Tem sua origem no próprio movimento com aspectos, social e cultural, sendo compostos por mulheres que buscam

emancipação para si, através de rupturas de conceitos tradicionalmente impostos. Esse movimento compõe mulheres que tem se colocado na linha de frente contra uma teologia machista e patriarcal, abrindo caminhos e “rompendo o silêncio”.

As representantes deste movimento foram vistas como radicais pela sociedade, principalmente pelos grupos que elas criticavam, dentre os quais, os religiosos. Sempre existiu uma tensão latente entre a Igreja e o feminismo, em virtude de estas observarem na religião [...] um espaço de exploração e submissão das mulheres. (Mota, 20013)

A onda feminista apesar de ter suas origens fora das instituições religiosas, defendia a igualdade dos gêneros tal como o acesso ao mercado de trabalho, direito a educação e ao voto, as mulheres que abraçavam essa nova ideologia acabavam sendo depreciadas por termos vulgares pelos conservadores e por outras mulheres.

As igrejas usavam de discursos a respeito dos perigos que esse movimento poderia desencadear nas famílias e na vida das mulheres, fazendo que as mesmas perdessem a essência do que é ser mulher, o movimento feminista desde a sua origem sempre esteve atrelado a termos depreciativos e as inverdades a respeito das suas causas, uma delas é associar o movimento a uma superioridade da mulher ao homem.

Nesse sentido, pode-se descrever o feminismo como a expressão da tomada de consciências das mulheres, de sua condição histórica de ocultamento e opressão assim como de sua resistência ativa e organizada para mudar essa situação. (Freitas ,2003 p. 18)

Mas as táticas para salvaguardar as mulheres e homens das influências do movimento, não mostraram os resultados esperados o ensino distorcidos do movimento nas igrejas não foram eficazes para combater a influência do mesmo, rompendo com o patriarcado, a sujeição da mulher aos seus líderes e a submissão da mesma aos esposos, embora essa influência caminhe a passos lentos, já é possível ver algumas mudanças nesse setor conservador.

O que é repassado de forma tendenciosa nos templos, não se aplica ao que fato foi o movimento e suas características a luta que muitas mulheres tiveram para que minimamente tivessem seus anseios atendidos pelas autoridades, o movimento feminista é marcado por três fases distintas.

A primeira fase do movimento feminista se estende até metade do século XX culminando na Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU em 11948. A

característica dessa etapa é a emancipação da mulher nas várias dimensões da sua existência. Essa primeira fase ficou marcada com feminismo conservador. (Freitas, 2003)

Enquanto a segunda fase alcançou ares mais radicalizado, assumindo características de uma libertação da mulher, acabou sendo denominado de Neofeminismo, porém tais reivindicações acabaram por não representar uma outra parcela de mulheres que não mais conseguiam se identificar dentro do movimento em curso, desencadeando assim ramificações dentro do próprio movimento.

As vertentes que se sucederam em detrimento do movimento feminista surgiram correntes que atenderam as desigualdades nas igrejas, dentre eles se destacam a Teologia Feminina, que passaram a questionar que, se as interpretações bíblicas foram fundamentais para perpetuar a autoridade masculina, porque não usa-la para interpretações que favorecessem as questões femininas dando novas perspectivas concernente as interpretações bíblicas que falam diretamente de mulheres para outras mulheres.

A teologia feminista tem sua origem na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX (1840-1920). Precisamente nessa época, em 1854, acontece a primeira Convenção Americana pelos Direitos da Mulher, desse encontro resultou na primeira bíblia destinada ao público feminino, com passagens editadas em duas partes respectivamente. (Freitas,2003)

Enquanto a segunda fase engloba um dos temas polêmicos nas igrejas pentecostais onde geralmente para o ministério pastoral a ordenança é destinada aos homens, cargos dos altos escalão geralmente são ocupadas por homens, as mulheres nos templos religiosos de forma majoritária são a maioria, mas a elas estão destinados cargos menos relevâncias.

Essas disputas de espaços entre os gêneros são muito recorrentes nas igrejas evangélicas em todo Brasil. Basta observar nos templos religiosos os espaços destinados às mulheres e aos homens. Geralmente os lugares de destaque são preenchidos por homens, que na sua maioria são pastores, diáconos, dirigentes ou auxiliares, enquanto para as mulheres são destinados os espaços inferiores.

Segundo a socióloga Rosado-Nunes (2005), historicamente, os homens dominam a produção do que é “sagrado” nas diversas sociedades e os discursos e práticas religiosas

trazem a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. Enquanto isso, as mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas.

Mas esses debates quanto às diferenças entre o lugar do homem e da mulher tornam-se muito ineficazes, revelando como é formada uma hierarquia de poderes nos setores da sociedade, e a autoridade que o homem exerce sobre a mulher, definido sobre os princípios e sistemas que devem ser abraçados por todas elas.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência dessa submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (Bourdieu, 2002.p.14)

Mesmo perante as imposições dos homens sobre as mulheres, elas não desistiram de procurar mais oportunidades nos templos. Sendo assim, nascia em 1942, o trabalho do Círculo de Oração, das mulheres assembleianas perante a dominação masculina, porém, muitas vezes esquecida pelos membros, mas de grande importância para obra missionária.

Os trabalhos de Círculos de Oração, para além do senso comum, não se trata apenas de um chamado divino e reuniões de intercessões realizado por mulheres idosas por uma determinada causa. Ele vai muito além dessas questões, pois as líderes desses trabalhos, possuem autonomia e poder hierárquico.

Em virtude de no grupo Círculo de Oração a líder possuir uma atuação forte dentro da igreja, com proximidade ao pastor e uma linha direta de comunicação com este, que em virtude de sua posição ocupada mantêm-se modestamente em seu lugar, e os outros (as) a guardarem as distâncias mantendo-se em sua posição, a não terem intimidade com este²⁹. Distanciamento que é suprido quando esta mulher assume o posto de liderança dentro da igreja. Como líder de Círculo de Oração, as mulheres ocupam a função de sustentação do culto, ou seja, suas tarefas possibilitam que o culto aconteça com a infraestrutura organizada. Elas gerenciam os horários de atuação do grupo do qual fazem parte, cabe à líder direcionar a atuação das mulheres que estão sob sua tutela, construindo assim uma hierarquia dentro da estrutura interna. (Mota.2009, p.74)

O grau de aproximação de uma mulher com seu pastor tende a ser mais estreita de acordo com a escala de liderança que essa mesma alcança e esse acesso mais facilitado desencadeou uma disputa entre as mulheres, visto que, pelos relatos das entrevistas o posto de líder de círculo de oração é um cargo cobiçado até mesmo entre as mulheres, que alguns casos não hesitaram de realizarem estratégias para se tornar uma líder das mulheres.

A liderança que essas mulheres exercem sobre as demais, acabam sendo interpretados de forma ambíguas, para o fortalecimento e enfraquecimento do mesmo, pois segundo os relatos é perceptíveis a recusa de algumas mulheres em assumir a liderança dos trabalhos quando a denominação é composta por um pequeno número de mulheres, aptas a ingressarem nas reuniões de intercessões.

Em contra partida, quanto maior for a estrutura da igreja, o número de mulheres participantes dos trabalhos, poder aquisitivo da congregação e a influência que a mesma exerce sob as suas subordinadas e liderança maiores são chances para que haja disputas internas para ocupações de cargos.

Tendo em vista que os trabalhos de círculos de orações inicialmente, não havia vínculo com os trabalhos litúrgicos das igrejas, mas um objetivo pessoal bem definido, a cura de um jovem, após a obtenção dessa dádiva os trabalhos passaram assumir uma outra perspectiva, adotando para as características ritualísticas dos cultos doutrinários.

Durante um culto de domingo, foi tocada pelo Espírito Santo a convidar algumas irmãs da igreja, para ajudá-la em oração. Sete delas se propuseram em ajudar e o primeiro encontro aconteceu na quinta feira seguinte. [...]

O propósito inicial era fazer um trabalho de oração buscando a cura da filha Zuleide. Albertina que não imaginava que aquela primeira reunião de oração se transformaria no que é hoje [...] ‘‘ o meu pensamento, era que Jesus ia curar a menina e o trabalho terminaria ali. Mas o Senhor orientou-nos, cumpriu suas promessas e abençoou as nossas vidas. (Araújo. 2011, p.152, 153)

Percebe-se pela afirmação da senhora Albertina, que os trabalhos iniciais, não contava com o apoio maciço da igreja muito menos com a participação majoritária das mulheres, apenas sete se comprometeram com a causa, após o suposto milagre, os trabalhos se intensificaram pelo estado de Recife, sendo fundado em 1942 pela própria Albertina no estado da Paraíba onde atuou como dirigente por 14 anos.

Com o crescimento e as intensificações dos trabalhos e as responsabilidades que essas mulheres exerciam, logo os pastores delegaram a elas assuntos concernentes do ministério pastoral, tal como como a manutenção financeira de pastores, função essa que cabe a ala administrativa dos templos, geralmente composta por homens.

Em todo o estatuto da Assembleia de Deus, não encontramos qualquer referência a participação feminina em cargos ministeriais e quando se encontra a participação da mulher em toda história das Assembleias de Deus, logo esse trabalho é esquecido ou pouco estudado devido ao legado conservador e patriarcal impregnado nas igrejas pentecostais.

Frida Vingren, a exemplo disso, esposa de Gunnar Vingren, considerada uma mulher talentosa e que ocupou vários cargos nas ADs, ali atuou como jornalista, escritora, compositora, colaboradora ativa dos jornais da denominação, com vários artigos escritos. Mesmo com o apoio do marido foi duramente criticada e nunca chegou ao cargo de pastora. (Correa, 2003.p,240.)

A participação feminina em cargos nas Assembleias de Deus, sempre foi um assunto espinhoso e pautas de diversas reuniões onde as mulheres sempre eram votos vencidos, negado os direitos de exercerem suas habilidades nos ministérios como ficou definida na convenção de 1930, que ficou definida pelo corpo pastorado que as mulheres não deveriam ocupar o posto de pastora.

Aparar as arestas das desigualdades entre os gêneros (Scott, 1992) demonstra que o feminismo apareceu para reivindicar mais recursos para as mulheres e denunciar a persistência das desigualdades. Disparidades essas principalmente dentro das igrejas pentecostais onde as mulheres preenchem boa parte dos templos, porém são minorias no sentido de ocupações ministeriais.

‘Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.’ (Scott 1990, p.15)

O conceito que Scott utiliza para definir a palavra gênero não se limita apenas à diferenciação biológica entre macho e fêmea, estando para além das formas físicas e sexuais. A questão da feminilidade não se atém as questões dos afazeres domésticos e familiares e muito menos se associa às questões masculinas de coragem, força e o trabalho externo, e de moldar o homem na imagem do provedor.

Gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (Scott. 1995, p.14)

o termo gênero é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou ser animado. O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação(...) o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer(...) assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (Lauretis, 1994)

1. 4 A violência de gênero nos espaços religiosos

A mulher na condição de sujeito histórico, possui funções cognitivas, dentre elas a deixar claro a separação que há entre elas e a sociedade. Pois devido a esse distanciamento, muitas mulheres assumiram uma postura de resistência a exploração masculina, já que a violência de gênero tem se tornado um problema grave na sociedade.

Podendo aqui ser elencado diversos casos de violência de gênero que se abateram sobre as mulheres de diferentes classes, cor e profissão. Mas nesse sentido cabe a discussão sobre a violência de gênero nos espaços religiosos, em consonância com as entrevistas concedidas, foi percebido as características de violências físicas, psicológicas e sexuais dentro das igrejas evangélicas.

Muitos foram os casos de mulheres que de forma direta ou indireta se sentiram assediadas por líderes ou congregados, como foi o caso de uma das entrevistadas, casada há mais de 80 anos, que segundo ela, não foram poucos as queixas de meninas, jovens e mulheres adultas, solteiras e casadas, que relatavam constantes ataques de assédios por parte dos líderes.

A violência de gênero é uma violação dos direitos humanos e da justiça social, não pode ser tratada como problemas internos de um determinado segmento da sociedade, um simples problema de família, da igreja ou do trabalho. Historicamente as mulheres estão vulneráveis a situações de risco, mas o importante não é determinar as causas dessa vulnerabilidade, mas sim compreender como essas causas tem sido resolvidas nesses espaços privados.

Principalmente nos ambientes religiosos, onde há instruções tendenciosas da sujeição das mulheres ao marido ou liderança, onde essas mulheres são convencidas a não denunciarem seus algozes, pois a conduta grosseira do homem não pode ser externada, piorando quando a violência é praticada pela liderança do alto escalão, seja com seus conjugues.

Os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. A falta de preparo teológico para lidar com situações de violência doméstica contra as mulheres também pode contribuir e alimentar os mitos religiosos que compactuam com esta realidade. Um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo. As famílias com experiências religiosas também podem ser afetadas pela problemática da violência doméstica. (Krob. 2016, p.2)

As mulheres estão submetidas ao processo de violência já tão naturalizada, que já nem se considera violência doméstica, principalmente quando essas mulheres acomodam tarefas profissional, familiar e religiosa. Uma tripla jornada de trabalho sem contar com a ajuda de seus parceiros.

Quando usado o texto bíblico de Tito, capítulo 2: As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem; Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada. (A Bíblia de Jerusalém .1995, p. 333)

O desvio exegético desse trecho bíblico colabora para a omissão da igreja frente a violência, quando as mesmas instrui as mulheres a serem passivas e obedientes a seus maridos, entretendo as mulheres mais velhas vítimas de violência acabaram sendo silenciadas em para que a palavra de Deus não fossem blasfemada, dessa forma instruem as mais novas a não denunciarem e sim orar pelos seus maridos.

As referências que se fazem a violência de gênero não se restringe apenas as formas físicas e sexuais, há também recorrentes casos das agressões verbais, onde tentar através das palavras depreciar e desqualificar os trabalhos das mulheres nas igrejas, como foi o caso da primeira ordenança feminina ao cargo pastoral na igreja Metodista no Chile no ano 2000.

Quando foi eleita a primeira de nossas pastoras nesse cargo (que implica governar um distrito de vinte igrejas mais ou menos), o comentário do bispo da época foi: 'Veremos como ela faz seu trabalho'. Infelizmente pra ele o comentário foi feito em presença de uma das nossas colegas, que retrucou: 'o Senhor fez o mesmo comentário quando são eleitos os colegas varões?' (Martinez.2003, p.236)

O comentário do bispo foi uma forma depreciativa de desqualificar o trabalho da colega de profissão, já que a ordenança pastoral geralmente são destinados aos homens, porém, as agressões verbais não se limita ao grau de escolaridade de uma mulher, é percebido nas entrevistas que as dirigentes também sofreram inúmeras agressões verbais tal como: "Como Deus pode ter escolhido uma analfabeta?".

A frase acima relata a rejeição de uma líder, por parte das demais mulheres e homens, que se recusavam em aceitar uma dirigente de círculo de oração, um cargo de visibilidade nas igrejas Assembleias de Deus, sem grau de escolaridade, o nome da pessoa, foi mantido em sigilo a pedido da mesma.

A mesma exerceu seu chamado, sem a utilização das instruções escolares, apenas com o uso da voz, questão muito valorizada pelos Annales, quando trouxeram a oralidade

como nova abordagens metodológicas, visto que a mesma pode ser considerada como a primeira forma de transmissão dos fatos históricos.

Para isso busco analisar através da oralidade de que forma essas mulheres conseguiram estabelecer as relações de poder nas igrejas, sendo que na maioria das vezes as mesmas estão fora do centro de poder e não são consultadas a respeito das decisões tomadas administrativas da igreja.

1. 5 Da Reforma Protestante ao Pentecostalismo moderno e suas variantes

Constituir um marco histórico para o que chamamos de Movimento Pentecostal é um trabalho árduo, pois várias denominações estão atreladas a Igreja Cristã, entretendo (Sousa, 2004) define que o marco do Movimento Pentecostal é o que está descrito no livro bíblico em Atos dos Apóstolos capítulo 2, pois essas mesmas praticas pentecostais eram praticadas pelos apóstolos e atribui o movimento pentecostal moderno como resultado da Reforma Protestante.

A Reforma Protestante marcou a história do Cristianismo no início do século XVI. Em outubro de 1517 um monge chamado Martinho Lutero, tornou público a sua contestação, afixando à porta da Igreja do Castelo, em Wittenberg, as suas 95 teses. Com a Reforma Protestante a Bíblia passou a ser defendida como patrimônio dado por Deus à humanidade provocando uma reação inesperada. Lutero acreditava que todos poderiam receber a revelação divina, expressa nas Sagradas Letras, sem interferência do sacerdote romano. [...] A partir dessa concepção luterana, o leigo passou a interessar-se pela alfabetização, pois havia um motivo - e especial - para isso. Não foi só isso. Outro monopólio destruído pelo reformador foi registrado com a tradução da Bíblia em Alemão em 1521. Até então, somente a tradução oficial Católica Romana – a Vulgata – era conhecida. (BOYER.1995, p 133-165)

Dando enfoque a Reforma Protestante como percussora do Movimento Pentecostal Moderno, segundo (Campos Jr,1995) o pentecostalismo passou a ser um desdobramento da liberdade interpretativa postulada por Lutero no período em que houve a reforma. Essas liberdades interpretativas viabilizou o esfacelamento do movimento em três fases.

Considerado o historiador das Assembleias de Deus no Brasil (Conde 2008) afirma que a Rua Azuza foi o centro irradiador onde se espalhou o avivamento para outras cidades e nações. Segundo Mendonça (1989) e Freston (1993) o pentecostalismo passou a ser evidente em 1901 conhecido como Movimento Pentecostal Clássico, essa divisão decorreu devido as discordâncias e rupturas que passaram a existir entre os membros, devido as leituras bíblicas e suas interpretações.

Levando em consideração que o pentecostalismo mundial também teve seus desdobramentos em três fases de acordo com (Martin, 1990) e que se denomina em: Puritana, Metodista e Pentecostal, esta última por se observar mudanças decorrido dentro do próprio movimento acabou desencadeando outras três novas linhas doutrinárias, como bem observa (Freston 1993).

A primeira fase do pentecostalismo, denominada se período Clássico: Tem o seu marco em 1901, quando a Sra. Agnes Ozman, nos Estados Unidos, disse ter recebido o batismo do Espírito Santo e falado em línguas estranhas a glossolalia, o ocorrido foi atrelado ao movimento Holiness, além do falar em línguas e atribuído o Dom de Sinais e maravilhas, ou seja, as curas dos enfermos. (BARTLEMAN, 2001 apud Marques, 2009):

Impus minhas mãos sobre ela e orei. Mal tinha pronunciado três dúzias de frases quando uma glória desceu sobre ela, uma auréola parecia envolver sua cabeça e rosto, e ela começou a falar em língua chinesa e ficou impossibilitada de falar em inglês por três dias.

Percebemos no relato acima que a jovem Agnes ao supostamente receber o batismo no Espírito Santo que tem por características o “falar em línguas” na verdade era xenoglossia, que é o falar fluentemente uma língua estrangeira sem ter conhecimento da mesma, e não glossolalia, que é o falar em língua desconhecida. (SIPIERSKI, 2003)

Porém, um outro evento mais conhecido deu-se em 1906, quando se relatou o falar em línguas em uma igreja na rua (Azusa Street Mission), estado da Califórnia, desses dois eventos procede a maioria das igrejas pentecostais históricas, como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã.

Para os estudiosos do movimento pentecostal, costumasse classificar -lós em três fases distintas para explicar o surgimento de várias igrejas e suas diferentes ideologias doutrinárias, para explicar essas diferentes abordagens utilizo as interpretações do sociólogo Gedeon Freire Alencar (2012)

A primeira vertente denominada como Carismático: A dominação carismática não tem forma ou processo de demissão ou nomeação, ignora hierarquia ou treinamento especializado, portanto, não tem carreira, salário e profissionalização. Não há departamento ou agência de controle independente, porque o carisma do líder é totalmente pessoal. O líder carismático não é eleito por seus liderados, “mas acontece o inverso: é o dever daqueles a quem dirige a missão de reconhecê-lo como seu líder carismaticamente qualificado.

Dentre elas se destacam as igrejas Luternas fundadas pelo reformador Martinho Lutero, as Presbiteriana fundada por João Calvino no século XVI, as Batistas fundada por John Smith século XVII, Metodista fundada por John Wesley no século XVIII.

A segunda vertente ficou conhecida como tradicional, esta é uma dominação de transição entre a burocrática e o carismática, também chamada de dominação patriarcal. “Obedece-se à pessoa em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição: por fidelidade” São relações de privilégios e favorecimentos interpessoais. A obediência se dá pela dignidade do senhor ou patrão, mas não é sua pessoa, carismaticamente, que o legaliza, mas a tradição que ela representa, participam dessa segunda fase as igrejas Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1961).

E a terceira vertente denominada de Neopentecostais: Fundada por Peter Wagner, em 1983, e responsável pelo crescimento das igrejas, para ele duas primeiras fases continuavam, mas tem como características fundamentais os cultos voltados a teologia da prosperidade, materialização da fé e atos descabidos em seus templos, fazendo uma forte relação as superstições pagãs e demonismo aberto. (XAVIER. 2007)

No que tange a conquista de adeptos, os líderes do neopentecostalismo utilizam intensamente veículos de comunicação de massa, como rádio e televisão. Uma das características da terceira onda que a difere das duas ‘anteriores é que, doutrinariamente, ela não reivindica que uma pessoa tocada pelo espírito Santo tenha que, necessariamente, falar em outras línguas.

Ela pode falar ou não; o mais importante é estar cheia do Espírito Santo. A ênfase da terceira onda, portanto, está no “Poder da Oração”, sendo que as igrejas Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e mais recente a Igreja Mundial. Reiterando que as raízes do pentecostalismo brasileiro têm sua origem nos Estados Unidos em 1906, que é uma ramificação do avivamento metodista na Inglaterra liderado por John Wesley, que consentia na doutrina da santidade e salvação.

O pentecostalismo brasileiro de fato resultou de um movimento que surgiu nos Estados Unidos em 1906. A genealogia deste remonta ao avivamento metodista do século XVIII, e introduziu o conceito de uma segunda obra da graça, distinta da salvação, a qual Wesley chamava de perfeição cristã. Na segunda metade do século XIX, o movimento de santidade (holiness) no país de língua inglesa, sob a influência cultural do romantismo (Bebbington 1989: 170), democratizou o conceito wesleyano: em lugar da busca

demorada, a experiência rápida e disponível a todos chamada ‘Batismo no Espírito Santo’, a piedade intensificada pela mística escapista do romantismo. (Apud. Freston.1994)

O expositor do movimento pentecostal William J Seymour, foi profundamente influenciado pelas doutrinas do pentecoste de Charles Parham e seus alunos, mesmo com o sucesso tímido das novas doutrinas, conseguiu arregimentar novos adeptos incluindo Seymour, que era descendente de negros escravizados nos Estados Unidos, mais especificamente nas regiões dos estados confederados, local que passava por momentos de tensões sobre a segregação racial.

Parham é considerado o fundador do movimento pentecostal, por ter sido o primeiro a elaborar uma concepção teológica do pentecostalismo, fundamentada no “falar em línguas” e no batismo com o Espírito Santo. (Mota. 2009) Parham era um admirador do grupo supremacista Ku-Klux-Klan, havia chegado na cidade do Texas e lá fundou uma nova escola doutrinária, porém, devido sua aproximação com uma sociedade supremacista, e admitia apenas alunos brancos, mas a sua convenção a Deus, não o impedia de realizar uma sutil segregação. (Freston, 1994)

Parham para contornar o princípio que a própria igreja pregava sobre não fazer acepção de pessoas, passou a permitir que os negros interessados em aprender sobre a doutrina de pentecostes, pudesse ouvir as instruções do lado de fora da porta ou no parapeito das janelas. Provavelmente Seymour vivenciou essa situação e a partir desses aprendizados aprimorou a doutrina de pentecostes, o que lhe rendeu percalços e bons frutos.

Seymour, por ser negro, tivera a facilidade de pregar entre as comunidades de negros Holiness. Ao introduzir a doutrina do Espírito Santo provocará uma dupla reação: de m lado faziam muitos adeptos, mas por outro provocava tumultos nas igrejas em que pregava. (Silva.2006, p.17)

O pentecostalismo defendido por Seymour trouxe novas abordagens da doutrina e conseqüentemente alcançou um público invisível das periferias sem fazer distinção entre negros e brancos. Conhecido com a ‘Religião dos pobres’ O pentecostalismo clássico, cresce significadamente em espaços onde há maior vulnerabilidade social. (Araújo, 2008) O terreno propício para a implantação e desenvolvimento do movimento favoreceram para grande aceitação do público alvo e seu efervescente crescimento.

A história de Seymour é bem semelhante com a dos fundadores suecos da Assembleia de Deus no Brasil, os ventos da nova doutrina causaram desconforto nas comunidades tradicionais no Estados Unidos e no Brasil, os missionários cobertos pela incompreensão dos demais pastores, tiveram suas pregações mal interpretadas e acarretando na expulsão dos mesmos das igrejas locais.

1. 6 Assembleia de Deus no Brasil

Os fatos narrados na construção do mito fundante dos missionários suecos, foram extraídos das anotações cotidianas feitas por eles. Posteriormente, essas anotações foram coletadas e transformadas em diários, vale ressaltar que os relatos dos fundadores suecos, foram organizados por seus filhos, Ivar Vingren e David Berg.

A crise econômica que afetava a Suécia foi responsável pela grande demanda de imigrantes que desembarcaram nos Estados Unidos, que no período viviam grande expansão econômica como ressalta (Marques, 2009) ao observar que na cidade portuária de Chicago havia um desenvolvimento industrial e uma imprensa escrita em fase de expansão.

Gunnar Vingren, cinco anos mais velho que Berg, possuía formação teológica, iniciando seu ministério na primeira igreja Batista de Chicago. Daniel Berg diferentemente de Vingren, era um jovem fundidor recém-chegado em Chicago, vindo da Suécia oriundo de família relativamente pobre.

DANIEL Berg e Gunnar Vingren são dois imigrantes suecos afetados pela ‘febre das Américas’, em que milhares de europeus pobres foram em busca de riquezas na ‘terra prometida’ e, se não conseguissem ficar ricos, tornariam-se amigos e teriam suas vidas interligadas e, as mesmas no Brasil.[...] Daniel Berg nasceu em 19 de abril de 1884 em Vargon, na Suécia. De família Batista muito pobre, segundo relata a sua biografia, sofreu na infância a marginalização de ser ‘pagão’ (só foi batizado aos 15 anos) numa sociedade que batizava as crianças e, em que, a igreja luterana, estatal controlava as escolas. Vingren é o antônimo de Berg. Líder com formação teológica no seminário teológico Batista Sueco de Chicago (1909) [...]. Era cinco anos mais velho que Berg. Em 1903 com 24 anos foi para os Estados Unidos e, depois de formado iniciou seu ministério pastoral na primeira igreja Batista de Chicago. (Alencar.2010, p. 54, 55 e 56)

Berg e Vingren se conheceram numa dessas reuniões realizadas nos templos e a amizade fortaleceu mediante as descobertas e afinidades de ambos em levar a ‘palavra’ a lugares distantes, esse desejo em comum os favoreceram para o cumprimento de uma profecia onde os mesmos seriam levados para um local chamado Pará.

Para muitos, a localidade era ‘desconhecida’ e com ajuda de um mapa ‘descobriram’ que se tratava de uma localidade longínqua em terras brasileiras, assim

como ambos desejaram, o estado do Pará não era de total desconhecimento dos americanos, como já mencionado, Chicago é uma cidade portuária, logo chegou a notícia de extração de borracha em solo paraense no Brasil.

O principal jornal sobre borracha [The Índia Rubber World] dedicou em 1910 uma série de artigos sobre o Pará, resultado de visita do editor desse jornal, Henry C. Pearson, ao Brasil, quando do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola de Manaus. Os comentários de Pearson sobre o cotidiano no Pará [Belém] estão ilustrados com dezenas de fotos e mapas. Em seu discurso em um coquetel realizado no Hotel da Paz ele fala sobre a beleza da cidade e suas vantagens sobre as cidades norte-americanas, citando o sistema de trolley cars, a ausência de poluição e a limpeza. A julgar pelo número de cartas que o editor recebeu, seus artigos despertaram o interesse de muita gente sobre o Pará e a região amazônica. Apud. Mota. (SIPIERSKI, 2003: 9)

Mas o presente desejo de levar a ‘palavra’ a lugares distantes fizeram com que os missionários não atendessem as questões necessárias para o cumprimento da profecia, o financiamento da viagem, a estadia e o principal, a comunicação, ‘Agencia Missionaria’ moderna exige que o participante faça um curso de missões transculturais, estude a cultura do povo, aprende o idioma, informe-se sobre as condições climáticas, tenha endereços para onde vai. (Alencar, 2010)

Mas dois suecos chegaram ao Brasil sem dinheiro, sem falar uma palavra em português, vindo de uma terceira classe de um navio, não tem nenhum conhecido esperando-os – apenas uma intuição divina.

Não tínhamos dinheiro quando começamos a nossa viagem para o Brasil. Só conseguimos alguma coisa depois de termos iniciado a viagem. B.M. Johnson, pastor em uma igreja em Chicago, ao ficar sabendo que iríamos viajar, disse nos: ‘Vocês pelo menos poderiam passar por aqui para se despedirem de nós’ Os dois jovens missionários aceitaram o convite para participar do culto, porém, no culto dirigido pelo irmão não foi pedido nenhuma doação para viagem deles ao Brasil. Terminando o culto, fomos cumprimentar os irmãos e nos despedir deles. Quando saímos da igreja e examinamos nossos bolsos, encontramos mais do que o necessário para a viagem. E tudo em um só culto! (CORREA. 2013, p. 59.)

A chegada de Berg e Vingren ao Brasil foi, segundo seus relatos, direcionada por Deus, pois não havia conhecido algum a sua espera e nem compreendia o idioma falado, ainda de acordo com suas anotações, depois de horas vagando pela cidade, sentaram num banco de praça à espera da providencia ‘divina’ momentos depois uma família que também havia desembarcado do porto os direcionaram a um hotel da cidade.

Ainda segundo Berg ao entrar nos aposentos encontraram um jornal esquecido por algum hospede. O irmão Vingren apesar de não compreender a língua portuguesa, começou a passar as páginas sem um motivo aparente, até que se deparou com um nome que ele já havia conhecido, tratava-se de um pastor americano da igreja Metodista.

Os missionários logo foram aceitos entre os membros da igreja, mas não demorou para que os primeiros desentendimentos começassem a surgir, justamente devido as rixas doutrinarias acerca do batismo no espirito santo, Segundo (Araújo, 2007, p. 66) A negra Celina Albuquerque foi a primeira mulher a falar em línguas , algo visto com muita desconfiança por parte dos congregados.

Vinte e três anos depois da assinatura da lei de abolição da escravatura, muitos ex-escravizados, ainda viviam quando se deu a chegada dos missionários em 1911, nos relatos ditos oficiais da igreja, nenhuma denúncia de racismo ou segregação foi mencionado, até porque Berg e Vingren são frutos de um pentecostalismo encabeçado por um negro, cego de um olho e descendente de um negro escravizado, que havia passado por um sistema segregacionista.

Muitos ex-escravos ainda estavam vivos e, pelo ambiente que AD atingiu em todo o Brasil, a igreja deve ter recebido muitos deles como membro. A questão é inexistente para os suecos. As únicas referencias racistas, aliás – são nos livros Despertamento Apostólico no Brasil. Publicado em 1934, com Otton Nelson fazendo um relato do trabalho em Maceió (1915), que diz: ‘a primeira que recebeu batismo com Espirito Santo foi uma irmã, preta como carvão, mas lavada no sangue de Jesus’ Vingren, (1987) (Alencar, 2010)

Essa mesma irmã descrita como preta como carvão foi a grande responsável pela continuidade da vida de Gunnar Vingren, num episódio em que ela havia se colocado entre um católico ensandecido e o missionário, impedindo assim que este tivesse sua vida ceifada, por motivos estreitamente religioso. (CORREA. 2013, p. 69)

No do dia seguinte, eles falam que outra mulher por nome Nazaré havia sido batizada e que a mesma começou a cantar hino espiritual, porém outro missionário sueco enviado pelos Estados Unidos chamado Erik Nilsson observava em silêncio e com desconfiança as manifestações.

No início ele nos ouviu silenciosamente. Mas em outra oportunidade disse-nos que deveríamos deixar de fora da nossa mensagem aquele versículo que fala de Jesus batizar com o Espirito Santo, ‘pois propaga divisões’, argumentou ele. (CORREA, 2013, p.65)

A propagação dessa divisão, logo definiria os lados, Berg e Vingren convictos sobre o batismo no espirito santo logo perceberam que tal assunto causava desconforto aos demais pastores e uma parcela dos congregados, o estopim parra que consumasse a separação entre os líderes ocorreu num culto com direito a votação para saber quem dos presentes estavam de acordo com a nova seita que estava se alastrando pela igreja.

O pastor orou a Deus e pediu uma palavra, e encontrou o versículo que diz: pelo que saí do meio deles, e apartai-vos. Diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e vos recebereis, eu serei para vos pai, e vos sereis para mim filhos e filhas. 2 Co 2. 17, 18. (CORREA. 2013, p. 67)

Na obra Durkheim faz uma análise desse puritanismo muito pregado pelas igrejas Batistas e motivo de racha dentro da própria denominação causada pela doutrina do batismo no espírito santo, devido a esse puritanismo, os batistas deveriam afastar-se dos novos missionários.

As igrejas Batistas desejavam ser ‘puras’ Igrejas no sentido da inocente conduta de seus membros. Um repúdio sincero do mundo e de seus interesses e uma submissão incondicional a Deus, que nos fala através da consciência, eram os únicos sinais infalíveis da verdadeira redenção e uma conduta correspondente a salvação. (WEBER. 1999, p. 105)

A trajetória de Daniel Berg e Gunnar Vingren para realizar o cumprimento da profecia foram marcadas por várias intempéries, seja elas pessoais no caso das dissensões doutrinárias, financeiras, pois Daniel Berg passou a trabalhar como fundidor e a Vingren ficou com a tarefa de estudar a língua portuguesa e a noite transmitia ao amigo o que aprendera e, por último, a saúde fragilizada de Vingren possivelmente devido ao clima quente de Belém. (Alencar. 2010)

Após esse episódio de dissensão na igreja Batista (Conde, 2000) descreve que as 17 pessoas e alguns menores de idade que foram expulsos da igreja Batista foram convidados pelos missionários a frequentarem reuniões de orações na rua Siqueira Mendes, casa 67 em Belém, segundo Conde nascia ali a Assembleia de Deus inspirada no movimento pentecostal dos Estados Unidos.

É impossível pensar em Assembleia de Deus e não mencionar os fundadores suecos pois a história da igreja está atrelada a trajetória de vida dos missionários, Berg sendo o primeiro a ser chamado, foi sumindo das páginas históricas e por não ter ensino teológico nunca assumiu cargo de pastor, entrou na história de relance.

Daniel Berg nunca assumiu a presidência da Convenção ou de uma igreja, as respostas variavam entre: ‘Ele era muito humilde; era apenas um evangelista, vivia nas ruas e nos trens distribuindo livros; era um analfabeto nunca aprendeu a falar o português’ Este homem é o fundador da Assembleia de Deus, morreu no ostracismo, Não há qualquer registro de Daniel Berg ter recebido uma congregação oficial como pastor. Seu nome desaparece dos jornais da denominação e a apenas dois artigos supostamente assinados por ele. No final da vida foi homenageado no cinquentenário da igreja. (Alencar. 2010, p.54) (Grifo Nosso)

O nome oficial Assembleia de Deus ainda é uma interrogação, após a expulsão dos membros pela igreja Batista, Os desigrejados adotaram de forma temporária a nova denominação com o nome Missão da Fé Apostólica, porém a teoria mais aceita é que Frida Vingren esposa de Gunnar Vingren em viagem pelos Estados Unidos trouxe o nome para o Brasil, ela havia mencionado que viu esse nome numa placa de igreja, a notícia logo foi divulgada pelo jornal Voz da Verdade em 1917.

Os nossos irmãos Samuel Nystron e Daniel Berg em uma viagem que fizeram em seis igrejas da fé apostólica, no interior deste Estado, batizaram 90 pessoas. Assembleia de Deus em São Luiz (Pará) tem crescido tanto que o vasto salão da Casa de Oração se tornou pequeno para acomodar os irmãos que ali se reúnem, o PASTOR Gunnar Vingren batizou, no batistério da Assembleia de Deus nesta cidade (Belém) 12 pessoas (...). O nosso irmão (...) um missionário da fé apostólica (Assembleia de Deus) (Alencar. 2010, p.62)

Segundo (Alencar,2012) esse jornal poderia ser um grande aliado na propagação do novo nome da igreja, deixando nos seus escritos uma mensagem subliminar ao descrever Fé Apostólica em letras minúsculas, a Assembleia de Deus com iniciais maiúsculas, em 11 de janeiro de 1918 a denominação foi oficialmente registrada com o nome Assembleia de Deus.

Com mais de um século de existência. A.D Segundo o Censo 2010, são 12.314.410 de assembleianos esparramados por este brasilsão. Representam, segundo o Censo 2010, 35,6% dos 34.588.671 milhões de pentecostais, 29,1% dos 42.275.440 de evangélicos brasileiros e 6,4% dos 190.755.799 de brasileiros.

1. 7 A Assembleia de Deus no Maranhão

No Maranhão, mas especificamente em São Luís, foi fundada a primeira Assembleia de Deus, segundo o estatuto da IADESL (Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís) inaugurada em 15 de janeiro de 1922 pelo Pastor Clímaco Bueno Aza, registrada em 31/03/1992 no Cartório de Títulos e Documentos “Cantuária de Azevedo”, da Comarca de São Luís – MA.

Funcionando com sede própria na Rua do Passeio, nº 981, Centro, São Luís – Maranhão, tendo por finalidade principal a propagação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, bem como a fundação e manutenção de igrejas e congregações, sob o regime de filiais, com as mesmas finalidades a que se propõe a igreja central, de duração por tempo indeterminado.

As primeiras tentativas de uma implementação protestante em São Luís se deram no período da fundação da cidade pelo seu expositor Daniel de La Touche, pois o mesmo era protestante da fé reformada calvinista, supostamente pode ter sido a primeira vez que se tenha ouvido do evangelho de Cristo. (Batista, 2009)

Contudo, nada há de concreto nessa hipótese, sendo assim, que há de real foi que as primeiras manifestações do protestantismo em São Luís se deu na data de 23 de maio de 1908, pela igreja Presbiteriana, fundada por Eurico Nelson, percebe-se que bem antes da Assembleia de Deus e suas novas abordagens ser implementada no Maranhão no ano de 1921, já havia denominações protestantes.

Segundo Conde, Deus havia enviado uma mensagem pentecostal ao estado do Maranhão, o trabalho teve início na capital em 1921, a mensagem foi trazido pelo pastor Clímaco Bueno Aza cidadão colombiano que se convertera ao evangelho em Belém e dali fora ordenado ao ministério em 10 de março de 1918, tornando-se o pioneiro na implantação do movimento pentecostal em solo maranhense.

Ao chegar em São Luís, escolheu o centro da cidade e começou o trabalho evangelístico, com uma intensa distribuição de folhetos de casa em casa, onde também vendia livros e bíblias, mostrando o plano de salvação de Cristo Jesus. (SILVA. 2009, p. 22)

Segundo Silva (2006), após várias reuniões de instruções da doutrina, o casal Propécio Lázaro Lobato e Ana Almeida Lobato, tornaram-se participantes da nova religião, chegando a ceder sua residência de número 149 na rua sete de setembro, como ponto de pregação, comandada pelo pastor Clímaco Bueno Aza, que intensificou os trabalhos evangelísticos, porém sua trajetória foi bem curta deixando a igreja em São Luís poucos meses depois, continuando sua missão em outras regiões do país.

Em todo o Estado do Maranhão são contados mais de 144 mil crentes. O evangelho pentecostal chega a todos os municípios do Estado. A CEADEMA tem 169 pastores e 27 evangelistas. Em São Luís, a A.D avança: Há mais de 20 mil crentes. Em todo o Maranhão há 37.079 membros; 115.639 congregados, 996 templos e casas de oração.

A citação demonstra um quadro de efervescente crescimento em número de templos e quantidade de fies, levando em consideração que a expansão dessas denominações é decorrente dos trabalhos das três denominações mais antigas de São Luís, a igreja do Templo Central, João Paulo e Anil.

Em se tratando do estado do Maranhão a IADESL conta num total de 116 áreas com três ou quatro denominações somente na capital, o Jornal o Estado do Maranhão apurou que dos 97% da população de São Luís declaram ter uma religião e que cerca de 35% aderiram as correntes evangélicas tradicionais e pentecostais.

2. A DOCTRINA DA IGREJA FRENTE AO TRANSCURSO DO TEMPO

As doutrinas da igreja Assembleia de Deus, são tradicionalmente conhecidas por um estabelecimento de normas rígidas a um ajustamento da moralidade, e impõe aos seus membros um regimento de vestuário inadequado as altas temperaturas dos trópicos, sendo assim a igreja dita normas do que pode e não poder ser usados pelos fiéis.

Para maioria das Assembleias de Deus não se pode cortar cabelo para as mulheres e homens não podem ter cabelo comprido. De preferência o corte deve ser padronizado como o do pastor ou raspado, mulheres só podem usar saia comprida, no mínimo abaixo do joelho, homens podem andar de calça social e camisa, preferencialmente comprida, mas os obreiros no culto só podem portar terno e gravata, mesmo em altas temperatura. (Costa, 2015)

É indiscutível as transformações pela qual a igreja Assembleia de Deus vem passando desde a sua fundação no Brasil em 1911 pelos suecos Berg e Vingren, mudanças que mudam profundamente as características que marcam a postura dos membros assembleianos e principalmente a estrutura de seus trabalhos, não deixando de fora é claro os círculos de oração, marca da principal denominação pentecostal do Brasil.

Assembleia de Deus no Maranhão comemorou em 15 de Janeiro de 2019, seus 97 anos, sendo que destes, 53 anos são dedicados aos trabalhos das mulheres, mas isso não significa que as mesmas não possuam ocupações dentro dos templos, as mulheres exercem várias funções dentro das igrejas, que vai da limpeza ao cargo de professoras de escola bíblica.

Esse último quase todas mulheres que foram e são dirigentes de círculo de oração tinha que exercer como forma de uma preparação previa antes de assumir a liderança de outras mulheres, geralmente a elas eram oferecida a classe das próprias mulheres, conhecido no meio assembleiano como *classe das senhoras*, os ensinamentos direcionados a elas, quase sempre são os mesmo que oferecidos em suas reuniões.

A diferença é que em seus trabalhos, elas tiram longos períodos de oração em prol de uma determinada causa, mas, nas entrevistas realizadas com dirigentes desses trabalhos, é perceptível um rompimento com certas práticas e costumes adquiridos pelas mais antigas, elas ressaltam que durante os trabalhos, geralmente realizados no período da tarde no horário das 14:00 as 17:00, todos os presentes no templo eram convidados a

se ajoelhar e tirar um período de oração por uma determinada causa ou para que houvesse batismo no Espírito Santo, curas, crescimento espiritual das Igrejas ou algum outro motivo de cunho pessoal, essa tendência gradativamente foi abolida, pois a própria liturgia dos trabalhos no decorrer do tempo foram modificadas.

2. 2 A metamorfose assembleiana e as controversas dos usos e costumes.

Parafrazeando o texto bíblico: *Vaidade tudo é vaidade* ao que muitos atribuem sendo vaidade no sentido de usos e costumes dos assembleianos, pois é do conhecimento da maioria que esta denominação não se atém aos adereços e vestes extravagantes, na entrevista realizada com a Teresinha do Amaral ela bem ressaltou a importância da simplicidade visual, pois no dia em que se tornou evangélica, deixou de usar adereços femininos.

Precisamos estudar a palavra "vaidade" no original hebraico e grego, compararmos as várias vezes em que ela é usada na Escritura e qual o verdadeiro sentido que esse vocábulo possuía nos tempos antigos. Vaidade no hebraico advém de duas palavras. Primeiro, de *habel*, que significa vazio, oco. Seu uso no Antigo Testamento estava muito relacionado ao abandono do único Deus verdadeiro e à busca de ídolos que não podiam satisfazer às necessidades de Israel pelo simples fato de não existirem. [...]A segunda palavra hebraica era *shav*, que assumia uma conotação também de vazio, mas com uma compreensão mais ligada à desolação, abandono. Jó usa essa expressão quando se sente vazio, pois se vê abandonado e percebe sua vida esvaír-se em nada. (GOLDIM. 2005, p. 44-45)

A própria expressão "vaidade no vestuário" já está carregada de valores espirituais e éticos em muitas igrejas. Em certas denominações, as questões sobre o aspecto da mulher e sua indumentária (desde o tamanho do cabelo à dúvida relativa ao uso das calças compridas) ou sobre o uso de barba por parte dos homens ainda são tão explosivas, que não há sequer espaço para um diálogo maduro e isento de preconceitos entre elas. (Goldim 2005.)

Corroborando com as ideias acima, (Champlin, 2000) define que o conceito de vaidade está para além da definição do senso comum, pois a exegese bíblica leva em consideração a época em que o Rei Salomão havia escrito o livro de Eclesiastes, possivelmente na velhice, onde já havia adquirido sabedoria, riquezas, paz e vários matrimônios, porém todas essas conquistas são mera vaidades, pois o destino de todo homem seria apenas um, a morte.

A utilização do termo vaidade nas igrejas, sempre está relacionado a questão da estética, principalmente a feminina e vem ganhando espaços nas discussões acadêmicas

e religiosas acerca das vestimentas das assembleianas, segundo o historiador Mario Sergio Santana, no artigo denominado: *Minissaia - a grande vilã* ele destaca a movimentação dentro das igrejas sobre a moda da minissaia.

Registros da época mostram, que a minissaia era uma grande fonte de preocupação dos pastores. Na verdade, a sociedade assistia escandalizada aos novos padrões de vestimentas e consumo da juventude. Sedimentados pela popularização da TV e do movimento musical Jovem Guarda, capitaneado por um jovem cabeludo (Roberto Carlos), que mandou "tudo pro inferno", os jovens jamais voltariam aos marcos antigos. Vale lembrar, que na canção *É papo firme* (1966), Roberto fala de uma garota "avançada" que dirige velozmente, "gosta de gíria e muito embalo" e "só anda de minissaia". E todas essas novas posturas de uma jovem libertária, foram encarnadas numa mineira de Governador Valadares de origem libanesa chamada Wanderléa Charlup Boere Salim.

A febre das minissaias estavam em alta em todo o mundo, sua criadora Mary Quant, cansada dos trajes no qual ela definia como: 'terrivelmente feia' literalmente descobriu os joelhos das mulheres e exportou ao mundo, em meados da década de 60 e para desespero da ala conservadora, não demoraria para que as novidades da moda chegasse aos templos religiosos.

O período em que Mary Quant descobriu os joelhos, nada mais era o ano em que o Brasil mergulharia na crise democrática, onde os militares assumiriam o poder através de um golpe que contou com o apoio dos civis, segundo (Napolitano,2014) houve um golpe de Estado, e que este foi resultado de uma ampla coalizão civil-militar, conservadora e antirreformista.

A igreja passava por uma crise de identidade onde os valores morais estavam ameaçados pelas ideologias feministas e comunistas, Napolitano (2014) ressalta que boa parte da elite civil e militar brasileira havia se aliado ao mundo cristão e ocidental, liderada pelos Estados Unidos. E esse alinhamento fortaleceu o conservadorismo das igrejas e os discursos antifeministas e anticomunistas.

O fato de o feminismo ter nascido fora do âmbito eclesiástico, e suas reivindicações terem sido, defendidas ou apoiadas por forças laicistas, anticlericais e, depois socialistas, fez com que as instâncias eclesiásticas da época fosse pouco ou nada sensíveis a verdade cristã presente no feminismo. A igreja católica chegou inclusive, a condenar o feminismo no conjunto dos erros modernos: 'o erro moderno mais perigoso depois do socialismo. (Freitas, 2003, p.21)

A liderança das igrejas combatia com firmeza e rigidez as ameaças que circulavam os valores cristã, e o movimento feminista era alvo constantes dos discursos ríspidos e autoritários dos líderes, mesmo com toda essa 'orientação a respeito dos perigos

do feminismo, não foi o suficiente para que as discussões femininas pudessem adentrar os templos religiosos.

A Aliança Internacional Joana D'arc criada na Inglaterra em 1911, tinha como objetivo a equidade entre homens e mulheres, em todas as áreas, pois através dele foi possível abrir uma reflexão a respeito do papel atribuído a mulher nas igrejas, mas essas mediações estavam a cargo dos homens, de certa forma o movimento fortalecia a ideia do Androcentrismo. Segundo (Oliveira,2003). Esse movimento foi durante anos o catalisador de anseios e lutas da mulher católica, como único movimento feminista católico.

A ameaça feminista fizera com que os líderes religiosos convocassem uma reunião onde vários assuntos foram tratados, dentre eles a questão das vestimentas femininas, a Convenção Geral de 1968 realizada em Fortaleza (CE). Silas Daniel, no livro História da CGADB, informou que os debates eram "reflexos da Revolução Sexual" sobre a denominação naqueles anos de grande efervescência cultural.

Ao que tange as vestimentas femininas palco de discursões e polemicas entre líderes, percebe-se que houve uma modesta aceitação por parte da juventude, o comprimento das saias encabeçada por Quant, foi adaptada pela cantora da Jovem Guarda Wanderléa, como forma de rebeldia ao sistema conservador ou como empoderamento feminino? porém a ousadia da cantora causava espanto na sociedade conservadora.

Extirpar o mundanismo que adentrava as igrejas de forma sorrateira, tinha uma atenção especial por parte da liderança, recorrentes eram os duros sermões voltados a estética feminina, e uma dessas longas e duras mensagens foram descritas por Goldim.

O congresso, marcado com grande antecedência, reunira milhares de jovens de várias partes do Brasil. Sobejava adrenalina espiritual na excitação daqueles rapazes e moças. No primeiro culto, os grupos musicais tocaram com grande unção, e a mensagem, ponto mais alto da noite, certamente incendiaria aquela juventude para o reino de Deus. Mas o que se ouviu infelizmente caiu como uma ducha d'água fria. Ao invés de pregar uma mensagem bíblica, o conferencista destilou ataques sobre o que chamava de mundanismo. Os congressistas escutaram que Deus desaprova a preocupação dos jovens em se vestirem bem ou usarem qualquer tipo de adorno no corpo. "Ele exige santidade dos seus filhos", argumentava o conferencista. Talvez tentando demonstrar fidelidade aos costumes dos antigos, levantou o dedo em riste denunciando: "as moças crentes que se entregarem à ' vaidade' não subirão ao céu no dia do arrebatamento. Esmaltes, brincos e lábios pintados são vaidade, e só vão para o céu os que não entregam sua alma à vaidade", exclamava fervorosamente. (Goldim, 2005, p. 35.)

As pregações cada vez mais duras e as imposições em que seus membros eram submetidos, trouxe à tona a seguinte indagação, até que ponto o uso dos adornos e das vestimentas poderiam interferir na identidade de uma denominação religiosa, desencadeando uma descaracterização das Assembleias de Deus? no estatuto da Assembleia de Deus em São Luís, não se faz referência direta quanto a vestimenta e adornos.

De acordo com o estatuto da igreja as atividades realizadas pelo mesmo se baseiam nos seguintes pilares: Art. 4º. São atividades da IADESL (Assembleia de Deus em São Luís.)

- I – Pregar o Evangelho, discipular e batizar os novos convertidos;
- II – Primar pela manutenção da Igreja, seus cursos educacionais, culturais e assistenciais de cunho filantrópico;
- III – promover escolas bíblicas, seminários, congressos, simpósios, conferências, cruzadas evangelísticas, encontros para casais, jovens, adolescentes e crianças, evangelismo e outras atividades espirituais;
- IV – Fundar instituições assistenciais, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Porém o parágrafo único do Artigo 4º, abre brechas para o estabelecimento dessas normas: Parágrafo Único – Além da declaração exigida no *caput* deste artigo e das crenças acima elencadas, o candidato deve declarar que aceita a liturgia da Igreja – em suas diversas formas e práticas, suas doutrinas, costumes e captação de recursos, como estabelecidos na Bíblia Sagrada.

Não se pode afirmar de forma categórica quem são os responsáveis pelas doutrinas dos usos e costumes, mas há hipóteses interessantes que podem solucionar esse questionamento, há quem afirma, que, a origem dessa pratica pode ser atribuídos aos fundadores, há quem discorde dessa ideia e atribuem a doutrina aos próprios brasileiros, mostrando através das pregações um padrão visível e diferenciado de santidade. É o que aponta (Correa.2013)

Em 1930, Macalão foi ordenado pastor pelo sueco Lewi Pethus. Forte em seus discursos, Macalão pregava com convicção contra as coisas do mundo e rapidamente foi incompreendido pelos missionários suecos que conviviam em seu meio. Os suecos não concordavam com as regras rígidas impostas por Macalão em suas pregações no que se

refere aos usos e costumes causando censura por parte dos missionários, que não viam razões bíblicas para que se pregasse daquela maneira. Macalão mantinha forte controle sobre as vestimentas e dos penteados femininos, nas igrejas pertencentes a Madureira. Como as igrejas lideradas pelos suecos eram mais abertas, iniciou-se a distinção entre as ‘igrejas da missão’ (sueca) e as ‘igrejas de Madureira.’

Outros, porém vão mais além, no Livro *A Igreja, o país e o mundo: desafios a uma fé engajada* do autor Robson Cavalcanti, define que as normas da rigidez no vestuário têm características bem regionais do Nordeste e com influência da igreja católica.

Por que as mulheres da Assembleia de Deus no Brasil se vestem assim, quando em outros países do mundo, até mesmo da América Latina, não o fazem? É um costume da Assembleia de Deus no Brasil. Aí, você vai descobrir que essa denominação não começa no Sul, mas no Norte e no Nordeste, na zona rural. Converteram-se pessoas que vinham da Igreja Católica, da religião popular. E quem viveu no interior do Nordeste, nos anos de 40-60, percebe que a beata católica tinha como características não se pintar, usar cabelos longos presos e roupas longas. Tal costume, então, dessa denominação é, na verdade, uma absorção da cultura católica popular, que depois se tornou doutrina. (CAVALCANTI.2000, p.42)

O terrorismo religioso que muitos líderes faziam no psicológico dos fies, geraram discursões e consequências de uma religião radicalizada, onde o lema é *tudo é pecado*, segundo (Padilha, 2015). Na década de 1960 era inadmissível uma filha de um Pastor brasileiro, mesmo que tivesse dez anos, cortar o cabelo. Se isso ocorresse, a contraventora era disciplinada e impedida de participar dos conjuntos vocais e outras atividades. A franja era chamada de *chifre do bode*, inclusive na década de oitenta era comentado em cultos de doutrina corriqueiramente.

Continuando o raciocínio de Padilha, na década de 1960 se presenciou "a onda da intransigência religiosa e do radicalismo, pois tudo era pecado - assistir televisão, cuspir, beber Coca-Cola, usar tênis e jeans e outras proibições esdrúxulas". Período que o pasto denomina de "onda *do talibã religioso*" nas igrejas pentecostais, fazendo alusão ao terrorismo religioso que os líderes apresentavam através dos ‘ensinamentos’

Inúmeras foram as discursões e reuniões da liderança para resolver a polêmica em torno dos usos e costumes principalmente o feminino, porém é perceptível que a igreja tenha se dividido quanto ao tema, alguns ou seja, uma parcela ínfima ainda observa cautelosamente as instruções deixadas pela liderança mais antigas.

Enquanto outros observam de forma mais parcial, ou seja, sem os exageros dos utensílios e trajes extravagantes, mas há aqueles que de certa forma abandonaram radicalmente os antigos ensinamentos, e, para esses mais radicalizados, cai-lhe muito bem o codinome de Jezabel, conhecida no meio pentecostal a mulher que contornava os olhos para seduzir e de má índole.

Ricardo Goldim, descreve que há ocasiões onde muitos se afeiçoam ao sistema religioso, mostram-se coerentes com as exigências do pastor somente quando estão na igreja. Mas quando estão longe dos olhares da liderança, assumem novas características que nem de longe se ajustam aos comportamentos cristão, como se eles desenvolvessem uma duplicidade comportamental.

Na esfera privada agem e convivem com mais liberdade, brincam e riem, vestem-se de acordo com as últimas novidades da moda. Mas, quando vão à igreja, passam por uma metamorfose impressionante. Assumem um ar mais grave. Agem dentro do ambiente religioso de acordo com os códigos impostos pela liderança, mas com revolta.

Na entrevista realizada com uma ex dirigente de círculo de oração por 51 anos, ela faz uma abordagem bem interessante, na questão das exigências que são feitas as vestimentas femininas, porém, a pedido da mesma, usarei um nome fictício, pois ao ceder a entrevista, pediu que seu verdadeiro nome não fosse divulgado, para preservar a igreja onde se congregou por mais de 60 anos e a família, que por terem um nome bem tradicional, na igreja Assembleia de Deus e muitos ainda se congregam nessas denominações. Sendo assim, atribui o nome de Irmã Maria.

Exigia muito da mulher pra ela entrar no círculo de oração porque é um trabalho sério, exigia roupa adequada, cabelo não cortado, sem acessórios, sem pinturas, bom exemplo, boa dona de casa, boa mãe, enfim, boa em tudo, uma mulher perfeita, bastava tropeçar em alguma coisinha e a igreja toda condena ela. Mas dos homens nada era exigido, até pra ser pastor parece que era facilitado, bastava entender da bíblia. Olha, pra uma mulher entrar no círculo de oração ela passava por uma sabatina e depois um período de observação da vida dela. Mas pra ser pastor não precisa disso não, porque se precisasse mais da metade dos que tão ali cai. Entrevista concedida a entrevistadora. (Silva, 2019)

O relato da Irmã Maria Silva (nome fictício) mostra a relação de opressiva das relações de gênero na igreja, segundo (Neuenfeldt, 2007) a realidade das igrejas é que a maioria de seus fiéis são mulheres. Contudo, nesse espaço experimenta-se um discurso sobre as mulheres, uma palavra dita em lugar das mulheres. Uma fala moldada pelo falo,

pelo poder androcêntrico e masculino. Uma palavra que normalizar as violências, normatizar os corpos e enquadrar as atitudes. Por isso é autoritária e excludente.

2.3 A subjetividade feminina e a polêmica da ordenança pastoral das mulheres.

A função principal dos trabalhos de círculos de oração, é orar, ou seja, interceder a Deus em prol de uma causa, de acordo com as entrevistas realizadas é perceptível que esse trabalho de quase oitenta anos, tenha sofrido gradativas mudanças e segundo elas essas mutações geram consequências no bom desempenho das igrejas.

Em se tratando dos trabalhos das mulheres, as mudanças são visíveis em todos os aspectos, que vão desde as vestimentas das irmãs e liturgia dos cultos, em entrevista com a irmã Cotinha ela definiu os trabalhos atuais como: “essência dos trabalhos é a mesma, mas os hábitos mudaram”, assim respondeu a senhora Cotinha dirigente de círculo de oração durante 15 anos.

Originalmente as mulheres que compõem os círculos de orações fazem uso de uma vestimenta diferenciada das demais, geralmente usam roupas nas cores brancas ou então azuis, cores oficiais dos templos assembleianos, devido a essa semelhança o historiador Rayfran Batista compara os trabalhos das mulheres como modelo das igrejas Assembleias de Deus, sempre reforçando a importância desses trabalhos.

A Assembleia de Deus de Deus valorizou a oração. Desde o seu início vem realizando reuniões específicas de oração nos seus templos, casas e nas residências dos seus membros. Porém demorou um considerável tempo para que fosse organizado oficialmente o círculo de oração. (Silva.2009, p.86)

Apesar da importância dos trabalhos na igreja, desde a sua fundação em Recife, elas contavam o apoio moral dos líderes principalmente os pastores, na maioria dos casos as esposas dos pastores era quem assumia a liderança dessas reuniões, sendo pois que essas estavam sob a autoridade dos seus maridos, pois dessa forma os trabalhos acabavam passando pelo crivo das censuras.

Pode se afirmar que as relações de poder em um espaço majoritariamente ocupados por mulheres assembleianas, há sempre a sombra de um homem, o pastor, o seu líder máximo, pois o círculo de oração das mulheres representa um pilar de poder invisível dentro das denominações assembleianas. (Correa, 2013.)

Em entrevista com a irmã Teresinha do Amaral, ao ser questionada sobre o porquê de não usar mais os adereços quando decidiu se converter, a resposta foi bem

enfática: “Porque o pastor disse que não podia usar” (Amaral, 2019). Numa outra ocasião, ao ser questionada do porquê do rigor para fazer parte do grupo de mulheres, a res posta mais uma vez teve um tom de imposição: “porque o pastor determinava”.

Reforçando o depoimento acima, a irmã Maria da Paz, com 23 anos dirigindo os trabalhos de círculo de oração, revela que a rigidez para fazer parte dos trabalhos na verdade não era uma imposição e sim uma forma de mostrar as mulheres e aos demais que esse trabalho era sério e que exigia um enorme sacrificio por parte delas.

Ah minha filha; imposição é o que estão fazendo agora, antes pra entrar no círculo de oração, não era assim não, tinha respeito, as mulheres passava por um período de observação, tudo era observado, suas vestes, seu comportamento na família, com os vizinhos, na igreja, a gente tinha que saber se elas gostavam de falar da vida dos outros, uma pessoa dessa jamais entraria no círculo de oração, porque é um trabalho sério, Deus fala com a gente, nós somos responsáveis pelo equilíbrio da igreja. Mas hoje não é assim, hoje vemos de tudo, mulheres de unha pintadas, cabelo pintados e cortados, algumas não querem usar a farda branca, lá na igreja onde eu dirijo os trabalhos é a única igreja da área que faz chamada das mulheres, tem umas lá, com uma ou duas presenças no caderno.

A narração acima, mostra uma sutil influência masculina nas relações entre as mulheres e nos espaços que elas exercem uma certa autonomia. Ao ser questionada sobre o que viria ser essa imposição de hoje, Maria da Paz responde:

Hoje não temos os mesmo princípios de antes, os pastores eram mais duros e os trabalhos mais sérios, mas o pastor daqui, é quem manda eu colocar pessoas assim (pessoas que não possuem uma conduta moral para participar dos trabalhos, mulheres que não oficializaram o casamento, separadas do marido, que falam mal do outro) no círculo de oração. Entrevista concedida a entrevistada. (Paz, 2019)

Apesar dos relatos acima, elas não classificam a relação com seus pastores como sujeição a liderança, pois citam o versículo bíblico que o pastor é o anjo da igreja, e que ele foi estabelecido por Deus para ser obedecido e não questionado, mesmo que elas não concordem com as decisões do mesmo, mas que sempre há uma conversa nos bastidores para que o mesmo reveja sua postura.

Apesar das entrevistas não concordarem com a ideia de uma sujeição as opiniões das mesmas divergem da realidade enfrentadas por elas, pois até mesmo nos trabalhos dirigidos pelo departamento feminino há indicações e palpites de seus líderes, ‘mas o pastor daqui, é quem manda eu colocar pessoas assim (pessoas que não possuem uma conduta moral para participar dos trabalhos, mulheres que não oficializaram o casamento, separadas do marido, que falam mal do outro) no círculo de oração.’ (Paz, 2019)

Exigia muito da mulher pra ela entrar no círculo de oração por que é um trabalho sério, exigia roupa adequada, cabelo não cortado, sem acessórios, sem pinturas, bom exemplo, boa dona de casa, boa mãe, enfim boa em tudo, uma mulher perfeita, bastava tropeçar em alguma coisinha e a igreja toda condena ela. Mas dos homens nada era exigido, até pra ser pastor parece que era facilitado, bastava entender da bíblia. Olha, pra uma mulher entrar no círculo de oração ela passava por uma sabatina e depois um período de observação da vida dela. Mas pra ser pastor não precisa disso não, porque se precisasse mais da metade dos que tão ali cai. (Silva, 2019)

Ressalta que quando as mulheres percebiam uma necessidade em se manifestar ou requerer apoio para determinada causa, elas utilizavam as estratégias que estavam a seu dispor, como sutileza, delicadeza, demonstração de poder interno com o apoio do grupo, ou persuasão do esposo e pastor. (Mota, 2009.)

Na maioria das vezes elas sempre conseguem convencê-los de suas decisões, usam de todo artifício para tal façanha, e a principal delas de não desmoralizá-los na frente dos demais membros da igreja, como demonstra o relato de uma das entrevistadas, o trecho não pode ser gravado a pedido da mesma, por se tratar de um problema bem recente.

Teve umas irmãs aqui, que se levantaram contra mim, querendo meu cargo, apenas disse pro pastor, pois bem é seu. Depois uma outra irmã chamou ele e disse: Pastor se o senhor tirar a irmã (Joana, nome fictício) da frente desse trabalho, o senhor vai ver a decadência da igreja, pois é ela quem coloca as irmãs pra orar. Bom, o pastor voltou atrás né. Entrevista concedida a entrevistada (Paz, 2019)

De acordo com os relatos das entrevistadas, abre-se grandes possibilidades de traçar um perfil físico e moral para que uma mulher possa exercer cargo de dirigente de círculo de oração, dentre muitas qualidades que foram ditas pela mesma, duas me chamaram atenção, pois para se tornar uma verdadeira líder de mulheres, a escolhida por Deus deve primeiramente gostar de orar e ser um bom exemplo na família e na comunidade.

O gostar de orar é uma atitude sólida para que uma dirigente possa coordenar as demais, visto que o tratar com pessoas é complicado, pois cada um pensa de um jeito, e que nem todas mulheres que participam de um grupo de oração gostam de orar. Tratando sobre o segundo caso, a mulher deve ser um exemplo de mulher virtuosa e escolhida por Deus.

O círculo de oração é uma família, a família deve permanecer unida, os irmãos devem se respeitar, os mais novos devem respeitar os mais velhos e vice e versa, não é assim na sua casa? (Respondo fazendo sinal de afirmação) pois é, então porque na casa de Deus o Círculo de Oração deve ficar brigados, a dirigente de Círculo de Oração se ela for briguenta com o marido com os filhos, com os vizinhos, ela vai deixar de ser briguenta na igreja? Não, mas é claro que não, ela vai incentivar as irmãs a brigar também é isso Deus não se agrada, Deus não fez os filhos dele pra brigar uns com os outros. Entrevista concedida a entrevistadora. (Paz, 2019)

O posto de uma dirigente de círculo de oração é consentida pela autoridade do pastor da Igreja, uma líder do trabalho de mulheres tem que se manter: serva de Deus, demonstrando o devido respeito ao seu pastor e as demais companheiras de oração, deve cumprir as demandas do ministério com respeito, pois as atividades que coube a elas, não é diferente das outras tarefas exercidas pelos obreiros.

Segundo (Correa, 2013.) Os trabalhos femininos das Assembleias de Deus não se resume apenas aos círculos de oração, as mulheres assumem outras funções de pregar a palavra nos ensinos bíblicos, participam dos grupos de louvores e em alguns casos exercem a função de dirigentes das igrejas, mesmo de forma temporária, mas nunca ocupam o cargo de maior representatividade, o pastorado.

Na maioria das vezes o que se menciona sobre a participação das mulheres no âmbito religioso, no sentido de equiparar aos homens, acabam sendo tarefas do dia-a-dia em suas próprias casas, como explicou a teóloga, pedagoga e feminista Valeria Cristina Vilhena em entrevista ao site Uol em 06/01/2017.

UOL - Qual é o papel da mulher hoje nas igrejas evangélicas?

Vilhena: Quando encontramos pastoras, estão em igrejas pentecostais e neopentecostais pequenas ou fundadas por elas. Muitas mulheres da Assembleia de Deus e da Igreja Quadrangular nem conhecem suas fundadoras ou cofundadoras. Não percebem que, no início da história dessas igrejas, os homens decidiram que as mulheres dali para a frente ficariam fora. Posso dizer que a maioria dos evangélicos não têm mulheres à frente dos trabalhos. Elas são bem-vindas para serem mulheres de oração, de intercessão, para arrumar a igreja, para levar toalhinha, para cuidar da limpeza da igreja e para fazer visitas. Elas estão nos espaços de serviços não de liderança da igreja.

A questão do pastoreado feminino se tornou uma das pautas mais debatidas entre líderes, a convenção de 1930, realizada em Natal, ficou definido que as mulheres ficariam proibidas de exercer o cargo de pastoreado, porém, essa questão se tornou pauta de mais desmembramento da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, vale ressaltar quem em 1941 a igreja que Macalão dirigia ganhou independência, quando assumiu a personalidade jurídica.

A nova convenção denominada de (CADB) Convenção da Assembleia de Deus no Brasil. Foi fundada em 02 de Dezembro de 2017, de acordo com o site Gospel Prime a nova convenção nasceu com o apoio de 10 mil pastores afiliados, O surgimento da Convenção Assembleia de Deus ocorreu após uma longa disputa na (CGADB) o racha

religioso resultou na saída pastor Samuel Câmara, auto declarado opositor do clã Bezerra da Costa.

A expectativa de Samuel Câmara é arregimentar fieis por todo o país, segundo o site o único estado em que não tem igrejas filadas a nova convenção é o estado de Sergipe, porém tem planos de enviar missionários à região caso nenhum pastor se filie à entidade, o ponto alto da Convenção Assembleia de Deus é alcançar as mulheres oferecendo destaque e deslumbre com o cargo do pastorado feminino.

A sessão solene que oficializou a Convenção Assembleia de Deus foi marcada por ironias e indiretas a igreja matriz, a festa foi realizada no Templo Central em Belém do Pará. Mesmo que, em algumas igrejas, exista a possibilidade do pastorado feminino, surgem insatisfações decorrentes de uma hierarquia pautada na submissão das mulheres à figura masculina. (Gabatz, 2016)

A sede da nova convenção será instalada em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, e o presidente já possui um plano para que o imóvel seja reformado. A ideia é usar o mesmo prédio onde foi fundada a primeira igreja Assembleia de Deus no Rio, em meados de 1930, a única igreja fundada e liderada pelo missionário sueco Gunnar Vingren.

O mesmo imóvel abrigou a primeira sede da CGADB e da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Como o local estava à venda, a CADB negociou a compra e agora precisa levar o projeto adiante.

As mulheres poderão se tornar membros da CADB, segundo Câmara. "Deus abençoe as mulheres da Assembleia de Deus que são chamadas por Jesus. A CADB é o seu lugar", afirmou, salientando que a entidade vai admitir a consagração de mulheres ao ministério pastoral.

Fonte: Gospel Prime.

O descontentamento de mulheres em denominações que vetam o pastorado feminino transformou-se em campo propício para o surgimento de significativas alterações que refletem um modo de viver a fé de forma alternativa. A questão do pastorado feminino é sim um campo de discursões acirradas, entre as mulheres a vertente se divide entre aceitar e não apoiar, ambos os lados sendo fundamentados por razões bíblicas e pessoais.

sim, eu apoio é uma forma que as mulheres tem de mostrar que são tão eficientes quanto os homens. Elas tem capacidade de ser pastoras sim, já tem mulher aí que são dirigentes de igreja. Apesar do centenário, a igreja ainda é muito atrasada. Entrevista concedida a entrevistadora. (Silva, 2019)

Como foi o caso da missionária sueca e esposa de Gunnar Vingren, a senhora Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940), forte, atuante nos trabalhos missionários, segundo (Araújo, 2000), Samuel Nystron que sempre se mostrou contrário ao ministério feminino, exaltou as qualidades desta na condição de cooperadora da obra, Nystron ressalta que trabalhou com a irmã Frida e que muitos foram salvos e batizados em água.

Intensos foram os debates entre Nystron e Vingren a respeito do ministério feminino, ficou decidido que as mulheres teriam direito de participar da obra missionaria, testemunhando e ensinando quando houvesse necessidade, mas não podia assumir os púlpitos. (Correa, 2013)

‘Frida teve seu ministério interrompido pela violência e o machismo nordestino sueco(...) conseguiram matar seu ministério também sua história. Pois ela é completamente invisível na história assembleianas.’ Alencar (2010, p. 38 apud Correa, 2013, p.103)

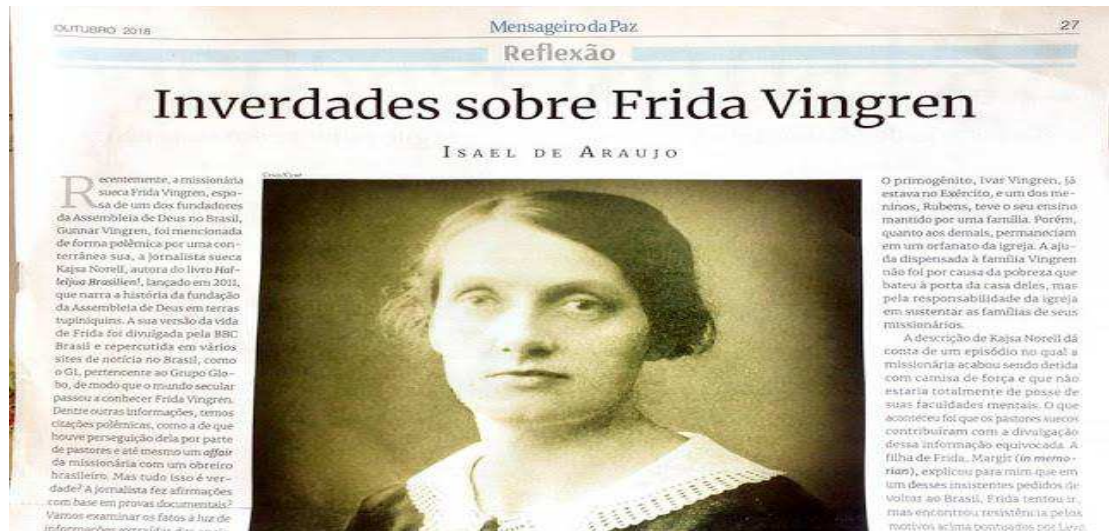
O ministério de Frida foi manchado pela visibilidade que ela alcançara em seus trabalhos, inconformados com os resultados obtidos por Frida e com a iminência da mesma ser ordenada ao pastorado, se tornando a primeira mulher pastora da Assembleia de Deus, Nystron usou de quase todos os artifícios para barrar o ordenamento de uma mulher.

As interpretações fundamentalistas dos textos bíblicos: *A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.* 1 Timóteo 2:11-13. Não foram o suficiente para Nystron pudesse barrar o legado de Frida.

Usando de astúcia, valendo-se de boatos, viu sua chance de interromper a chamada ministerial de Frida, um suposto caso de adultério, com um jovem que morava com a família Vingren, o adultério é um atentado contra o equilíbrio social, cuja o matrimônio indissolúvel ajuda a manter. O sacramento matrimonial ajuda na manutenção da sociedade. Mensageiro da Paz. 1º de fevereiro de 1931.

No entanto era preciso encontrar uma fraqueza, um argumento mais forte, mesmo porque cada vez mais, seja nos Estados Unidos, seja na Europa as mulheres cresciam em atuações mais proeminentes na igreja. Era preciso evitar tal avanço no Brasil.

Nystron aqui só tinha mesmo o apoio dos machistas, que na concepção de Frida estava errado, porque Deus distribuiu dons iguais a homens e mulheres. Nystron precisava de um pecado, de uma imoralidade para afastar Frida de uma vez por todas, e mostrar que ela era perigosa para todas e todos. Ele conseguiu. De início foi uma suspeita, mas não qualquer suspeita.



Fonte: Jornal Mensageiro da Paz. (2012)

Declara que o Pastor Paulo Leivas Macalão ao abrir a porta do quarto do rapaz que morava na casa da família Vingren ver Frida em trajes íntimos junto com o rapaz. Apesar de Macalão não ter visto ambos tendo relações sexuais, Alencar, 2013 acredita que Frida tenha sido alvo dos ataques dos pastores mais conservadores e contrários ao ministério feminino. (Vilhena, 2016, Apud Kajsa, 2011)

Na edição de 2012 o jornal O Mensageiro da Paz trouxe uma nova abordagem sobre um suposto caso de adultério praticado pela esposa do missionário Gunnar Vingren, reparando décadas de erros e inverdades a respeito da conduta da missionária Frida Vingren, as injustiças imputadas a ela deixa claro que a sociedade conservadora cristã não satisfeita com o desempenho e resultados alcançados por ela na obra da evangelização e ministrações, associaram Frida a uma mulher adúltera um mal que poderia causar péssimos exemplos as demais mulheres da igreja.

Frida Vingren e muitas mulheres evangélicas, seriam fortes candidatas aos apedrejamentos, fogueiras, afogamentos ou qualquer outro tipo de castigo aplicado, pelo motivo de romper com uma visão tradicionalista, patriarcal, machista e conservadora, que em vários casos são reproduzidos pelas próprias mulheres, apesar dessas brutalidades em

tese serem proibidas nas igrejas, elas continuam sendo apedrejadas pelas normas, padrões e leis cristã, afogadas num mar de injustiças e queimadas pelos comentários maldosos por mais que não tenham falhado.

2. 4 A Resistência Feminina e a criação dos Trabalhos de Círculos de Orações

Historicamente, os trabalhos de círculos de oração tiveram sua origem no Brasil, mas especificamente, na região nordeste, na capital Recife em 6 de março de 1942, iniciado pela irmã Albertina Bezerra Barreto, a partir de uma mítica sobrenatural, resultado de uma revelação divina.

Entretendo vale argumentar qual seria a missão oficial das mulheres assembleianas, e se esses trabalhos, para responder esses questionamentos utilizo as concepções de Alencar, 2012 ao elencar a missão das mulheres assembleianas em três fases distintas

- A primeira fase é uma missão oficial, que é participar do Círculo de Oração – CO. Talvez esse seja um dos ministérios orgânicos, que melhor funcione nas igrejas, um CO forte, reflete-se na vida da igreja.
- Segundo seria uma missão oficiosa. O exercício da profecia. A mulher não pode ter ministério oficial, mas marginalmente ele tem um poder de desestabilizar qualquer grupo ou líder masculino, um ‘poder ‘simbólico que é subordinado, mas transformador. (Bourdieu.2010, p.15)
- Terceiro o lugar da mulher está para grassado no universo assembleiano, de maneira folclórica e *oficialisca* a figura da ‘primeira dama’ do Ministério.

Em virtude de no grupo Círculo de Oração a líder possuir uma atuação forte dentro da igreja, com proximidade ao pastor e uma linha direta de comunicação com este, que em virtude de sua posição ocupada mantêm-se modestamente em seu lugar, e os outros (as) a guardarem as distâncias mantendo-se em sua posição, a não terem intimidade com este distanciamento que é suprido quando está mulher assume o posto de liderança dentro da igreja.

Como líder de Círculo de Oração, as mulheres ocupam a função de sustentação do culto, ou seja, suas tarefas possibilitam que o culto aconteça com a infraestrutura organizada. Elas gerenciam os horários de atuação do grupo do qual fazem parte, cabe à líder direcionar a atuação das mulheres que estão sob sua tutela, construindo assim uma hierarquia dentro da estrutura interna.

Em se tratando das Assembleias de Deus, não se pode afirmar que as mulheres são subjugadas ao isolamento ou que elas estão confinadas a aceitar a dominação masculina, pois desde a fundação da denominação em 1911 em Belém do Pará, as mulheres tiveram importância e representação nas atividades religiosas, sejam orando a Deus pelo revestimento espiritual ou liderando trabalhos religiosos ou secular.

Embora ainda que muitas mulheres tenham suas atividades ofuscadas pelas lideranças masculinas, não se pode negar o poder que elas exercem dentro e fora das igrejas, Pierre Bourdieu define essa característica como um Poder Invisível. Elas detêm o manejo de atuar em situações adversas, sejam elas pessoais, profissionais ou financeiras.

Em determinadas situações, essas mulheres possuem mais força políticas que os próprios pastores. Elas sabem se relacionar mais intimamente uma com as outras, conhecem a situação de cada irmã de fé; aos homens se encontram nas salas e suas casas, elas percorrem os lugares mais privativos, conversam sobre assuntos que jamais serão tratados na presença masculina. Uma coisa é certa: por esse motivo e pelas características de serem mulheres, conseguem mergulhar profundamente na situação de cada família, coisa que um pastor jamais conseguirá. É sabido que os assuntos políticos, amorosos e religiosos, percorrem as conversas femininas sem barreiras. (CORREA, 2013, p.241)

As mulheres são bem mais cautelosas que os homens, nada escapa de seus olhares minuciosos, cada detalhe, cada item, nada passa despercebido, até mesmo uma decodificação dos discursos pastorais, quando os mesmos usam da palavra em seus sermões, num simples olhar elas excluem ou elegem um pastor.

Dentro dessa dinâmica, os círculos de oração das mulheres das Assembleias de Deus, é extremamente político, em determinadas situações, elas elegem ou excluem pastores com poucos gestos ou palavras. O exemplo disso ocorre nos cultos quando um pregador estar com a palavra, se pode ouvir uma negativa ou numa exaltação feminina, em caso negativo: 'Misericórdia Senhor!' ou de exaltação 'Aleluia, ou Gloria a Deus!' e toda assembleia ali presente já sabe a opinião dela sobre o discurso do pastor (Correa. 2013, p. 241-242)

Acredita-se que o Círculo de Oração surgiu no ano de 1911, em Belém do Pará, antes mesmo da fundação da igreja. Celina Albuquerque recebeu a primeira cura milagrosa realizada pelos missionários. Também foi considerada a primeira mulher a orar em línguas estranhas, seguida de Maria de Nazaré. As narrativas do sueco Vingren dizem que elas oravam frequentemente em busca das revelações e revestimento da ação de poder do Espírito Santo para suas vidas.

A descrição acima relata uma possível origem para os trabalhos das mulheres, apesar que na época não houvesse ainda uma estrutura física para tal agrupamento as

mulheres decidiram formar sua própria autonomia de poder num local onde as mesmas poderiam liderar e atuar seus próprios trabalhos.

Bourdieu (2002), descreve que a revolução do conhecimento não deixa de ter consequências na prática e particularmente na concepção das estratégias destinada a transformar o estado atual da relação de forças material e simbólica entre os sexos, a ousadia das mulheres fizeram com que essa revolução do conhecimento espiritual tomasse dimensões que posteriormente seriam copiados em todos os estados brasileiros.

A origem dos trabalhos de CO, surgiu de forma inusitada, na condição de trocas de favores uma cura em prol de um trabalho para o fortalecimento da igreja. Porém, não se sabe que tipo de enfermidade que havia acometido a jovem Leidinha ainda no período de gestação, podendo até mesmo ser vítima de uma possível epidemia da época, que pelo diagnóstico tão precoce o médico prescreveu que a menina viveria até aos 8 anos de vida, inconformada com a perda precoce da filha, a senhora Albertina iniciou uma campanha de oração pela cura da filha.

Convertida desde os treze anos, Albertina não imaginava que através da sua filha o Senhor colocaria em suas mãos um trabalho tão importante. A filha de Zuleide nasceu com uma deficiência que a impedia de andar. Durante sete anos, recorreu aos melhores médicos em Recife e João Pessoa (PB). A procura de nada adiantava, pois os especialistas davam apenas um diagnóstico: a menina não viveria até os oito anos. [...] Durante um culto de domingo, foi tocada pelo espírito Santo a convidar algumas irmãs da igreja para lhe ajudar em oração. (ARAUJO, 2011, p. 152.)

Tendo em vista que os trabalhos de Círculos de Orações inicialmente, não havia vínculo com os trabalhos litúrgicos das igrejas, mas um objetivo pessoal bem definido, a cura de um jovem, após a obtenção dessa dádiva os trabalhos passaram assumir uma outra perspectiva, adotando para as características ritualísticas dos cultos doutrinários. Embora os trabalhos do Círculo de Oração tenham uma função dualística, ele pode fortalecer ou enfraquecer uma denominação, pois um grupo de mulheres intercessoras reflete a vida da igreja.

2.5 Doença e Morte como consequências do pecado

Para os evangélicos, o lidar com a morte, baseia-se em não orar ou interceder pela pessoa que morre e sim dá um apoio espiritual a família do ente querido, realizando cultos na casa dos familiares, orando para que Deus console os corações realizando um acompanhamento daquela família, fazendo com que a mesma se sinta amparada pela igreja.

É rotineiro das denominações evangélicas associar doenças e morte precoce como consequências de um pecado cometido e sua redenção é oriunda de uma possível reconciliação com sua divindade obedecendo seus desígnios e assim restabelecer a ordem natural do ser humano, na bíblia não faltam exemplos de casos de punições e redenções de Deus para com os homens.

Entre os hebreus, inúmeras passagens bíblicas demonstram Javé usando a doença como castigo. Citando apenas passagens do Pentateuco, pode-se observar Javé mandando uma peste maligna contra os rebanhos egípcios pela escravidão do povo de Israel (ÊXODO 9,1-7.), e infectando Miriã com a lepra por ela ter falado mal de Moisés (Números, 12). (Stern, 2012)

Outra maneira que os evangélicos têm de interpretar a relação da doença sem associar a mesma ao pecado é relacionando a vida da pessoa ao mito de Jó, como forma de fortalecer os laços de fé e obediência ao seu Deus.

Outra forma comum de interpretação sobrenatural da doença é a de que a enfermidade é um momento de provação para se reforçar a fé e reafirmar os laços com a vida espiritual tanto do doente como da família. Ainda que também possa se misturar com a visão da doença como punição em doutrinas nas quais a doença congênita pode ser vista como reflexo de erros de encarnações anteriores, como no caso do espiritismo, a doença como provação mantém-se como um lembrete à vida religiosa por não buscar apenas o apaziguamento da fúria divina. (Stern.2012, p. 225)

No caso da jovem Leidinha diagnosticada com uma doença incurável e uma sentença de morte já assinada, nota-se que neste caso em específico, não se pode relacionar a doença da menina há um pecado cometido ou como forma de testar a fé e laços de obediências a Deus, mas sim como forma de permutas uma cura em troca da realização de um trabalho.

O meu pensamento era de que Jesus ia curar a menina e o trabalho terminaria ali. Mas o Senhor orientou-nos, cumpriu suas promessas e abençoou nossas vidas. **E se não tivesse abençoado, e se não fosse da sua vontade o Círculo de Oração não existiria muitos anos depois.** (Araujo.2011, p.153) Grifo nosso.

Nesse ponto percebe-se a relação que muitos evangélicos têm com o seu Deus, trata-se de uma relação de acordos que beneficia ambas as partes Deus e o Homem, no relato da irmã Albertina, percebe-se essas trocas de interesses, pois se o Deus no qual ela havia recorrido se negasse a ceder a cura da filha automaticamente o trabalho de CO não existiria, revelando um dependência da Criatura com seu Criador.

uma das ideias mais comuns na relação criador-criatura é a de que tudo, inclusive o mal, veio de um ser supremo. Encontra-se como uma constante nas sociedades teístas a noção de que os deuses enviam o mal e por vezes até destroem sua própria criação com dilúvios, incêndios, terremotos, petrificação, trevas e outros desastres. Apud Stern (Sullivan e Sered. 2005, p. 224)

Vale ressaltar a concepção que os evangélicos tem em relação a morte, é comum nas denominações evangélicas não fazerem nenhum tipo de prece ao falecido, visto que há uma separação total entre o mundo dos vivos e a alma do falecido, tendo em vista essa separação irremediável, a irmã Albertina que já recorrera aos médicos sem obter sucesso, decidiu realizar as campanhas de orações com outras mulheres.

Para (Durkheim, 1996), a noção da alma é, portanto, uma aplicação particular das crenças relativas aos seres sagrados. Desse modo se explica o caráter religioso que essa ideia apresentou desde que apareceu a história e que conserva ainda hoje. Com efeito, a alma sempre foi considerada uma coisa sagrada; nesse aspecto ela se opõe ao corpo que é naturalmente profano.

Ela não se distingue apenas do seu invólucro material, como o dentro em relação ao fora; não é representada simplesmente como feita de uma matéria mais sutil, mais fluida; além disso, ela inspira algo dos sentimentos que por toda parte estão reservados ao que é divino. Se não se faz dela um deus. Percebe-se nela pelo menos uma centelha da divindade.

Ainda segundo (Araújo, 2011) sete irmãs se prontificaram a ajudar em oração, sendo que o primeiro encontro foi realizado numa quinta-feira, 6 de março de 1942, na própria igreja onde Albertina se congregava no bairro de Casa Amarela. A descrição de Araújo abre uma segunda e mais aceita versão para origem dos trabalhos de Círculo de Oração.

As reuniões eram tão alegres que começávamos as sete horas da manhã e terminávamos as cinco da tarde, não tínhamos vontade de sair de dentro da igreja. No entanto, as reuniões se concentravam uma vez por semana e durava o dia todo, porém faltava definir o nome para aquele momento de oração a definição surgiu de forma inusitada, como ressalta (Ferreira, 2011)

O nome foi escolhido a partir de um folheto que a irmã Albertina lera em que dizia, ilustrativamente, que a oração era como um círculo nos céus. *‘Enquanto orávamos, lembrei dessa mensagem e disse: Vamos circular os céus com nossas orações.* (Araújo,

2011) assim ficou conhecido até nos dias de hoje e em ralação a suposta cura da jovem Zuleide, não se há relatos ou diagnóstico médico que confirmasse para esse milagre.

Após fundar os trabalhos de mulheres em Recife, Albertina, juntamente com a família, mudam para João Pessoa e naquela região também dá início a mais um trabalho durante 14 anos, a necessidade da igreja em se manter sob constante oração, fez com que a irmã Albertina fosse requisitada pra dá início a novos trabalhos nas capitais brasileiras de Belo Horizonte e Salvador e também no exterior.

3. MULHERES ANÔNIMAS E O PODER INVISÍVEL

As igrejas A.D tradicionalmente são reconhecidas pela valorização e manutenção das famílias e um excessivo apego ao conservadorismo que de certa forma aplica-se mais aos discursos extravagantes e ordeiros do que na prática pessoal, geralmente quem se aproxima dessa relação conservadora excessiva apresentam traços de preconceitos combatidos dentro da própria denominação, tal como o racismo, xenofobia, homofobia e atitudes fascistas.

Porém as ações conservadoras que conhecemos hoje no meio pentecostal tem uma variante no contexto histórico, tendo em vista que um dos percursores dos estudos a respeito dessa temática Edmund Burke que norteava o assunto como sendo um sistema de ideias e posições políticas, posteriormente o conservadorismo clássico ganhou contornos das interpretações da sociologia com August Comte e Émile Durkheim .

O pensamento conservador surge e se desenvolve no contexto da moderna sociedade de classes, marcado por seu dinamismo, por suas múltiplas e sucessivas transições; como função dessa sociedade, não é um sistema fechado e pronto, mas sim um modo de pensar em contínuo processo de desenvolvimento [...] Estruturado como reação ao Iluminismo e às grandes transformações impostas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, o conservadorismo valoriza formas de vida e de organização social passadas, cujas raízes se situam na Idade Média. É comum entre os conservadores a importância dada à religião; a valorização das associações intermediárias situadas entre o Estado e os indivíduos (família, aldeia tradicional, corporação) e a correlata crítica à centralização estatal e ao individualismo moderno; o apreço às hierarquias e a aversão ao igualitarismo em suas várias manifestações; o espectro da desorganização social visto como consequência das mudanças vividas pela sociedade ocidental (FERREIRA, BOTELHO, 2010, p. 11, 12)

É possível perceber que no transcurso do tempo essas abordagens passaram por transformações, o conceito que surgia para dar consenso e conexão social passou a ter um significado ditatorial. O conservadorismo moderno acredita estar se movendo em bases “progressistas” uma vez que rejeita, equalizando, tanto as “utopias” revolucionárias, quanto reacionárias, ambas concebidas, pejorativamente, como idealizações potencialmente “totalitárias”.

Os conservadores modernos, munidos com esse conceito, reclamam-se como prudentes defensores do presente democrático (burguês) contra as “perigosas e violentas utopias” (fascismo e comunismo) que, além de partilharem bucólicas concepções de natureza humana, costumam não poupar vidas humanas em busca de sua idealizada “perfeição humana” (Souza, 2015)

As concepções totalitárias do conservadorismo moderno presentes nas igrejas pentecostais acentuam e formalizam a questão da submissão feminina a figura masculina, sendo repassada na forma de preservação e manutenção das famílias contra as ideologias seculares, essas concepções arbitrárias foram causas da misoginia que marcou a história da missionária Frida Vingren.

É impossível separar a história da Assembleia de Deus e a participação feminina, pois estas foram fundamentais desde a fundação da igreja, os destaques atribuídos a elas variam conforme suas responsabilidades na igreja, seja como uma simples congregada, no caso da Celina Albuquerque primeira mulher a receber o batismo no Espírito Santo.

Ou como representante ministerial com forte representatividade de liderança, Frida Maria Strandberg Vingren, ordenada a missionária pela igreja de Filadélfia de Estocolmo, tendo como função principal ser uma *bibelkvinna*, ou seja, professora ou ensinadora da bíblia. Porém, exerceu bem mais que a função que lhe foi atribuída.

Frida Vingren, a exemplo disso, esposa de Gunnar Vingren, considerada uma mulher talentosa, ocupou vários cargos na ADs, ali atuou como jornalista, escritora, compositora, colaboradora ativa dos jornais da denominação, com vários artigos escritos. Mesmo com o apoio do Marido, foi duramente criticada e nunca chegou ao cargo de pastora. (CORREA. 2013, p.240)

Em se tratando da denominação ADs, para muitos ela é vista com fortes traços do conservadorismo principalmente nas relações de gênero, tanto que a própria Frida Vingren teve seu legado quase que apagado devido as práticas conservadoras de alguns membros, mesmo com as fortes repressões Frida não desistiu e através da sua persistência, muitas mulheres assembleianas ocupam lugares que antes eram exclusivos dos homens.

Ao em vez de ocuparem lugares que na maioria das vezes entende-se por preenchimento de espaços inferiores, como se a presença delas fosse resumida como peças decorativas, ou quando não, cabem a elas a limpeza e organização dos templos, enquanto o brilhantismo é visto nas partes superior dos templos cabendo-lhe aos homens.

A Dominação Masculina constitui a mulher como objeto simbólico, cujo o ser (esse) é um ser percebido (percebi), tem por efeito coloca-la em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, da dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam 'femininas' isto é que sejam simpáticas, sorridentes, atenciosa, submissa, discreta, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa 'feminidade' muitas vezes nado é mais que uma forma de aquiescência em relação as expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser. Bourdieu.2002, p.67)

Dessa forma as mulheres apesar de constituírem parte majoritária nas igrejas continuam invisíveis e anônimas mediante as demandas de seus anseios, embora as igrejas instituem cultos e eventos como forma de suprimir essas diferenças ao mesmo tempo se silenciam quando são inquiridas a respeito dos trabalhos e valorização das mesmas.

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo.

Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão." (Perrot,2009) Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno.

A obra *A Minha história das Mulheres* da historiadora Michelle Perrot, e demonstra a invisibilidade feminina e seu silenciamento nos espaços públicos como forma da manutenção da ordem, como se as mulheres fossem responsáveis de pôr uma desordem mundial, fazendo referência ao texto bíblico de Genesis.

Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse. [...] Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e -o deu a seu marido, que comeu também. [...]Disse o homem: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi". [...]E ao homem declarou: "Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual ordenei a você que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. (Bíblia de Jerusalem.2005, p.5)

As interpretações fundamentalistas que se fazem dessas passagens bíblicas corroboram com as exclusões da participação das mulheres nos espaços públicos, no que tange aos espaços religiosos, cria-se uma ideia de exclusão ainda maior como se a religião oferecesse as mulheres apenas lugares subalternos, como simples frequentadoras dos templos.

O grande problema dessa interpretação da submissão advém de grande parte das mulheres que adquiram para se o papel de 'Maria' a serve submissa, humilde e disponível, que faz a vontade do pai, essa mesma imagem foi repassada pelos bispos e padres, que

nem se quer aceitam a ideia de serem rediscutidas, tornando-se um dos maiores entraves para o ministério feminino. (Melander, 2003)

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir as mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolhem adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. (BOURDIEU. 2002, p.26)

Existe ordem natural e divina de autoridade ensinada por Deus. Deus o Pai, é o cabeça de Cristo; Cristo é o cabeça do homem, e o homem o cabeça da mulher (I Co 11.3) isso enfatiza a necessidade da submissão da mulher a seu marido, que é idêntica àquela que a igreja deve fazer (Ef 1.22) Segundo essa mesma ordem, a posição do homem para com sua esposa deve ser a mesma de Cristo para com a igreja, no sentido de proteger e cuidar dela. (SOUSA. 1995)

A definição da palavra submissão estar estreitamente relacionado no sentido de assistência e zelo, são exatamente esses aparatos que levou as mulheres a reverter a situação a seu favor e conseguirem destaque nos templos religiosos, (Mota, 2009, p. 64-65)

Existe uma tensa e calorosa discursão no meio das igrejas evangélicas ao delimitar o sentido da submissão feminina relata na bíblia, embora o que seja pregado e ensinado nas igrejas não se aplicam na prática, constantes são os relatos de mulheres vítimas de agressões sendo silenciadas por seus líderes a não denunciar, dessa forma mantendo a imagem do agressor da denominação que o mesmo representa intactas.

Era muito problema, ele chegava em casa brigando, as vezes batiam em mim e nas crianças. eu não podia fazer nada, eu só apanhava, e tentava defender meus filhos e os filhos deles, que já eram maiorzinhos. Nesses 96 anos, eu nunca via igreja fazer nada para ajudar essas mulheres, nem as dirigentes de Circulo de Oração conseguimos fazer alguma coisa, porque tudo tem que passar pelo pastor. [...]de tanto eles exigirem olha como ta igreja hoje, essa igreja, tem uma dívida histórica muito grande com muita gente. Tem lá uns eventos pra mulheres, mas é só naquele instante, é uma sensação de alívio e amparo passageiro. Depois cada uma volta a sua rotina de solidão. A igreja não cuida de suas mulheres, as mulher lá é só pra orar, interceder, limpar a igreja e organizar tudo lá. Mas cadê o reconhecimento dessas, com cargos de ministérios. Entrevista concedida a entrevistadora (Silva, 20/09/2019)

Prática que se repete quase que diariamente, na entrevista realizada com a irmã Maria Silva nome fictício, atendendo a solicitação da mesma para que não fosse exposta em respeito a família do falecido esposo e principalmente da igreja onde se congregava, pois ao passar por constantes agressões físicas ou verbais acabou sendo instruída a não denunciar seu esposo devido a relevância que o mesmo exercia na igreja em Pedreiras.

3.2 O Trabalho de Círculo de Oração em São Luís e sua representatividade nas igrejas

O início dos trabalhos de Círculo de Oração em São Luís não se difere muito do modelo trazido de Recife, mas de acordo com as atas de registro da própria fundadora do trabalho nessa cidade, teve seu marco inicial no dia 07 de Setembro de 1964, a primeira reunião de intercessão ocorreu na casa da irmã Maria José ou Marieta, rua do Maracajá, depois rua 25 de dezembro e rua Tarquínio Lopes, local atual.

E 1966 foi organizado na Assembleia de Deus no bairro do Anil o que é considerado hoje o primeiro Círculo de Oração com o nome Filhas de Sião. A irmã Zaldinar Ribeiro Mourão ainda possui o livro dos primeiros componentes que o formaram. (SILVA, 2009, p.87)

Fazendo uma análise do contexto da época, Zaldinar Ribeiro Mourão realizou a primeira reunião de intercessão em São Luís na década de 60, período marcado pela implantação do regime militar no Brasil (1964-1985), oriunda do estado do Rio de Janeiro, na mesma época que foi realizado o primeiro Círculo de Oração.

Trazendo a ideia dos trabalhos femininos em terras maranhenses no ano de 1964, sendo oficializado somente dois anos depois, a fundadora do Círculo de Oração em São Luís, relata uma suposta visão divina que lhe recomendara a iniciar na capital. Aqui trata-se de um ponto bem crucial no que se diz respeito ao campo religioso, pois a fundação de novos templos e suas liturgias partem de uma ordem sobrenatural.

Ao trabalhar essa noção, percebe a generalização de que tudo que é religioso é sobrenatural, pois essa ordem ultrapassa os limites de entendimento do homem, ela é classificada como incompreensível, desta forma a religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo que escapa a ciência, e mais ampla, o pensamento claro. (Durkheim, 1996)

De acordo com os relatos de Zaldinar (*uma visão que Deus deu a irmã Zaldinar tocando um instrumento que saía faíscas que espalhava por toda parte.*) essa visão sobrenatural, faz analogias ao que entendemos por batismo no Espírito Santo, também descrito no livro de Atos dos Apóstolos capítulo 2, no qual acabou sendo a marca principal dos trabalhos de Círculos de Oração.

O primeiro trabalho de Círculo de Oração em São Luís contou com a participação de 7 mulheres, sendo estas (Maria José Costa Ferreira, Odete Alves, Antônia

Melo Alves, Zaldinar Mourão, Terezinha Veiga, Maria da Paz, Francisca Alves, Iza Silva Rodrigues, Josefa Alves, Vitalina Alves Rios, Joselina Coutinho. (Silva, 2009)

No meio evangélico é bem comum associar as práticas de abertura de trabalhos religiosos com chamados ou visões atribuídas a Deus, mas algo bem semelhante nos trabalhos de Círculo de Oração de Recife e São Luís, é que ambas as fundadoras tiveram visões mesmo que tenha sido um contexto e causa diferentes e contavam com praticamente o mesmo número de pessoas e coincidentemente todas mulheres.

Como já mencionado, três trabalhos de Círculo de Oração tornaram-se destaque na capital, podendo assim contar o fortalecimento das Assembleias de Deus em São Luís a partir das intercessões realizadas pelas mulheres, dentre elas a senhora Teresinha de Jesus Amaral da Silva, que dirigiu o CO por longos 46 anos.

Entretanto a história dos Círculos de Oração demonstra uma importante conquista das mulheres no meio conservador que é as igrejas, apesar dos encaixos internos e a violência de gênero que se alastraram nas igrejas, por decreto de uma lei municipal pelo autor cabo Campos (sendo que esse mesmo responde a processo por violência doméstica) instituiu a Lei de número 073/18.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação. Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, em 03 de abril de 2018. - CABO CAMPOS - Deputado Estadual.

A presente proposta tem o objetivo de divulgar e incentivar a espiritualidade entre os evangélicos do Estado do Maranhão. Com certeza o segmento evangélico está ganhando espaço notório nos meios de comunicação, bem como de todas as autoridades brasileiras. Há que se destacar dentro do movimento evangélico o trabalho de intercessão desenvolvido pelo Círculo de Oração.

O Círculo de Oração é composto em sua quase totalidade de senhoras evangélicas que uma vez por semana, deixam seus afazeres para irem ao templo com objetivo de se reunirem em orações e súplicas em favor das autoridades constituídas, conforme a palavra de Deus em I Timóteo 2:1 e 2 em que devemos fazer orações por todos os homens e “pelos reis, e por todos os que estão em evidência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada...”, da família e pela paz em nossa pátria.

Por ser um trabalho interdenominacional e executado por leigos sem nenhuma recompensa financeira e trazendo benefícios incalculáveis, é merecedor dessa deferência especial. Salientamos ainda que o objetivo da presente propositura é o incentivo dessa prática tão salutar que tem inclusive amparo nos registros sagrados da Bíblia “Orai uns pelos outros... a oração de um justo muito pode em seus efeitos”. Thiago 5:16. Com esse projeto, a família Evangélica só tende a crescer caminhando sempre no caminho de Deus salvador. Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, em 03 de abril de 2018. - CABO CAMPOS - Deputado Estadual.

A forma tendenciosa que cabo Campos justificou o dia municipal do círculo de oração remete outra vez a superioridade masculina em detrimento a feminina, citando trechos bíblicos que forma mal interpretada acabam corroborando com essa ideia conservadora. Cabo Campos apesar de se considerar evangélico foi enquadrado na Lei Maria da Penha por agredir a esposa.

Apesar da Lei municipal que institui o 6 de abril o dia do Círculo de Oração, a homenagem remete a origem do trabalho em Recife e não em São Luís, sendo assim a própria igreja desconhece a início desse trabalho e a trajetória de suas pioneiras.

3.3 Entre lutas e vitórias: O legado de Teresinha do Amaral.

Terezinha de Jesus Amaral da Silva, nascida em São Luís no dia 24 de novembro de 1928, aos 90 anos de idade é considerada uma das pioneiras e fundadora de vários trabalhos de Círculos de Orações, dirigiu as reuniões femininas durante 46 anos, atualmente pouco se congrega devido à idade.



Fonte: Arquivo Pessoal

Os relatos que Teresinha do Amaral faz da sua própria atuação como dirigente de círculo de oração é um aglomerado de informações muitas das vezes repetidas e em outras ocasiões a mesma informação vinha com alguma narração ainda não ouvidas por mim na condição de ouvinte / entrevistadora.

A memória no conceito amplo significa a capacidade que o cérebro tem em armazenar informações, Para Halbwachs (2004), para que haja uma memória individual, ela deve estar atrelada a uma memória coletiva, uma vez que as lembranças são constituídas no interior de um grupo, pois as lembranças podem ser restauradas ou simuladas, partindo de uma convivência em grupo.

Teresinha do Amaral, bibliotecária formada pela Universidade Federal do Maranhão, mãe de 11 filhos sendo que dois deles já falecidos, dois são pastores (um presidindo a igreja Assembleia de Deus no Maiobão e outro em Tocantins) aceitou a Jesus aos 12 anos, juntamente com sua prima / irmã na igreja do bairro do João Paulo, que na época era uma ‘*casinha*’ a afirmação de Teresinha do Amaral dá respaldo aos relatos do pastor Rayfran Batista.

Tendo sido ordenado ao santo ministério pela Assembleia de Deus em Belém do Pará n início da década de 20. O pastor José Leonardo da Silva (1942-1943) [...] Temos ainda na Assembleia de Deus em São Luís membros que aceitaram a Jesus no seu pastoreado, como as irmãs Teresinha e Celeste Amaral. Lembrando ainda que, na época, existia somente o templo central e a congregação do João Paulo, que possuía apenas uma pequena casa de oração construída de taipa. (Silva, 2009, p. 42)

Teresinha ainda afirma que nesse dia aceitaram a Jesus além delas, seu irmão e seus primos, ‘*apenas crianças foram aceitar a Jesus nesse dia*’ segundo ela, o capitão Paulino dirigente da igreja estava muito satisfeito com a salvação das crianças, e reforça com orgulho de nunca ter abandonado a fé cristã e ter os filhos firmes na fé através de muita oração.

O trabalho de Monografia do historiador Pelkeman Halo Pereira Silva (2006) descreve a trajetória do capitão Paulino, que segundo Teresinha do Amaral era o responsável pela igreja na época em que aceitou a Cristo, em entrevista concedida pela irmã Antônia Costa, ela reforça a afirmação de Teresinha Amaral.

... deixa eu te contar, o Paulino ele morava ali no João Paulo. Eu morei na casa dele. Tu sabe onde é aquela casa, não sabe a igreja? Do João Paulo? Não tem aquela casa do lado? Aquela casa eu morei foi 8 anos ali rapaz, naquela casa. Eu ia comprar aquela casa, abri mão por causa da Assembleia de Deus. Aquela casa era dele! Ele era um homem de renome, era homem de um... Se ele foi comandante da polícia aqui no Maranhão! O Paulino. Tu sabe como era, o que ele fazia. Olha, era um homem... Eu ficava admirada, eu observava ele. Ele segunda feira tava no Templo Central, dando

todo apoio pro pastor, pra esse pastor aqui, pera aquele outro, pro pastor Francisco Pereira, pro José Ramos, tudo ele tava lá, pregando, levando a palavra, ele era muito dinâmico, ele e a mulher dele. Aí na segunda-feira ele tava na igreja dele que é aquela onde é o templo do João Paulo; era uma casa dele. a casa dele era do lado, que ele morava, era uma casa que era uma beleza e fez uma igreja, ele fundou logo um trabalho ali no João Paulo. Aquele trabalho ali no João Paulo quem fundou foi ele. Aí terça-feira ele fazia o trabalho lá, quarta-feira ele ia pro Templo Central, quinta-feira ele tava lá. E era assim, sexta-feira no Templo Central, sábado lá, tinha culto e domingo ele ia de manhã para Assembleia de Deus no Templo Central e de tarde tinha Escola Bíblica ali..., tudo durante o dia e a noite ele fazia todo o trabalho. Ele era comandante da polícia, mas sabe como é, ele trabalhava, o trabalho era a noite, claro. Entrevista concedida ao entrevistado. (Costa, 2005)

Portelli (1997) ressalta que um trabalho de história oral é responsável por captar gestos expressões que um documento expresso jamais conseguiria captar, e na entre/vista realizada com a senhora Teresinha do Amaral pude perceber a expressão de gratidão e afeto ao relembrar seu início de caminhada cristã ao lado do tenente Paulino.

Apesar que na igreja pela qual o mesmo tanto trabalhou, tenha sido incompreensível quanto aos esforços nos âmbitos religiosos e civis, pois diversas vezes teve que usar a patente militar para socorrer os crentes contra as invertidas dos católicos. Ou dos cristãos tradicionais. Sabe-se Paulino inconformado com a postura da igreja, passou para outro ministério O Brasil Para Cristo onde finalmente foi consagrado ao pastorado.

Sobre sua infância Teresinha do Amaral relata que veio de família humilde, perdeu o pai enquanto era bem jovem, sua família veio de uma tradição católica e que seu nome era em homenagem a santa Teresinha, já que a família era devota da mesma, embora que sua mãe fosse mais frequente nas missas, seu pai se declarava católico mas não praticante.

Conheceu seu marido e pai de seus filhos aos 15 anos de idade, o mesmo era membro da igreja Batista, veio do município de Morros, estava estudando em São Luís para se tornar um pastor, deixando de lado sua vocação ministerial, sua denominação para contrair o matrimônio com a jovem Teresinha do Amaral.

Meu marido nasceu no evangelho, mas ele era de Morros, e eu sou de São Luís, mas quando ele veio passado de Morros um Batista pra ser pastor, eu tinha 14 anos ia fazer 15, ele tinha 27, eu sou viúva, aí ele me viu e não foi mais ser pastor na igreja Batista, aí ele passou pra minha igreja. Quando eu conheci ele, ele tava vindo de Morros pra ir não pra onde ser pastor, estudar pra ser pastor. Aí ele me viu, foi uma coleguinha minha que passou pra Jesus, ela também casou e depois passou pra Jesus, a mãe dela gostava muito dele o pai dela dizia que esse caboco crente da Assembleia, o pai dela mandou chamar ele quando soube que eu estava namorando com ele, eu não tinha pai só mãe, aí mandou chamar ele e conversou com ele: ela é uma menina órfão de pai, nós os crentes somos responsáveis por ela, você vai querer namorar com ela... eu to querendo casar com ela. Entrevista concedida ao entrevistado. (Amaral, 2005)

O trecho transcrito acima reforça a ideia da mulher como sexo frágil onde a mesma necessitasse uma proteção masculina que viesse a decidir por ela, retirando assim toda autonomia da mesma; interessante que essa prática perdura nos dias atuais nas igrejas evangélicas onde uma moça ao se relacionar com rapaz deveria pedir autorização do pai, na ausência desse, quem decidia era o pastor.

E quando um casal comete relações sexuais antes do casamento, ambos são expostos a igreja, tendo que passar pela disciplina (uma espécie de afastamento de seus cargos ou funções, para purificação do corpo e obtenção do perdão de Deus) nesse período de isolamento, o casal é instruído pela igreja para logo contrair o matrimônio, como forma de reparação a honra da moça, no entanto, tal atitude reforça a imagem de um homem honrado de caráter, provedor e principalmente o chefe da família.

Tendo em vista que a atitude de seu João o falecido esposo, em abandonar a carreira ministerial e sua denominação por um relacionamento, fortalece um dos pilares da igreja que é a união e bem estar das famílias ou mesmo tempo que decai a imagem do homem como chefe de família, algo que é de bom apreço dos mais tradicionais.

A mulher segundo os propósitos de Deus tem amplas oportunidades de ajudar seu marido: 1 em relação a casa, mantendo-a limpa e em boa ordem. 2 em relação aos filhos, em matéria de higiene e orientação social e espiritual, contribuindo assim para tornar sua família um valioso tesouro no futuro. 3 em relação a economia doméstica, mantendo o controle dos gastos ao seu comando, etc. (SOUZA.1995, p. 20)

Souza estabelece que a mulher, segundo os propósitos de Deus deve ser dedicada ao lar, aos filhos e controlada economicamente, Teresinha e João juntos conseguiram cumprir as exigências de um padrão para uma família feliz, sem fazer o uso de das diferenças dos sexos, o homem como provedor da casa e a mulher sendo a serviços da casa.

Essa literatura constitui numa fonte inestimável para se entender como são construídos os modelos femininos masculino, ou moldado os papéis que se esperam que sejam cumpridos, separadamente, por homens e mulheres. (Gonçalves. 2006, p. 116)

Aqui temos um ponto crucial para as relações de gênero nos espaços evangélicos, sendo reforçado a sujeição da mulher aos homens, nesse caso sem o uso da versão pejorativa que em muitos casos está atrelado às práticas de violência, embora o pastor Estevam abomine o uso das agressões físicas e verbais os seus ensinamentos colaboram para uma perpetuação de uma visão machista e patriarcal dentro das igrejas.

Nesse sentido acabam isolando as mulheres as tarefas do dia-a-dia, casa e filhos, sendo representadas com objetos decorativos dentro de casa e nas igrejas. Trabalhando como

professora o salário recebido não dava pra sustentar a numerosa família, foi quando decidiu fazer o concurso federal onde no edital havia vagas para sua área de formação e logo foi nomeada para Recife, pois segundo ela, na capital ficaria apenas os aprovados com notas dez e nove, pois a mesma havia tirado oito.

Aí eu fiz concurso aqui e mandaram pra Recife porque não tinha [...] eu era professora aqui e como muitos filhos aqui, o dinheiro não dava, aí teve um concurso, deu no jornal, era novinha ainda, quando teve esse concurso federal, aí eu fui fazer parida dela (Apontando para a filha que estava ao lado) ela não é a caçula não. Porque eu era só professora, ganhei o dinheirinho de professora, nós tivemos muitos filhos, aí eu fiz o concurso, aí eu passei, só ficou na cidade quem passou com 10 e 9 eu tirei 8, aí eu fui nomeada para assumir em Recife, fui buchudona, muito filhos.

Ao viajar para Recife, Teresinha do Amaral deixou a família sob os cuidados do marido e da filha mais velha, segundo (Gonçalves. 200, p126) é uma realidade brasileira, ainda que não possam ser generalizadas, apontam para a existência de lares encabeçados por mulheres sustentando que o modelo de famílias extensas, se circunscrevia uma realidade muito de regiões do Nordeste brasileiro.

Teresinha do Amaral pouco mencionava o falecido marido, e nas breves falas onde seu João era lembrado, o assunto estava voltado ao casamento, a viagem que a mesma fez quando foi nomeada como bibliotecária em Recife e na discordância que ambos travaram sobre a doutrina do Espírito Santo, vale ressaltar que seu João pertencia a igreja Batista.

Nota-se mais uma vez os conflitos internos sobre a doutrina do Espírito Santo entre as denominações, os Batistas descontentes com as novidades rotularam o movimento de *Nova Seita*, Teresinha do Amaral recorda que o marido nunca aceitara de forma convincente o Batismo, apesar de ter presenciado o batismo da filha e da própria esposa, a mesma ressalta que o marido nunca fora batizado.

Na entrevista Teresinha do Amaral recorda que o primeiro Círculo de Oração na igreja do João Paulo foi fundado pelo primeiro pastor da igreja chamado Januário Norberto Soares, o que se há de concreto é que na época do surgimento desse trabalho no bairro do João Paulo a mesma se encontrava em Recife, sendo avisada pelo marido.

Não se sabe até que ponta há veracidade nos relatos da mesma, visto que a memória muitas vezes se confunde, Para Halbwachs (2004) as lembranças podem ser restauradas ou até mesmo dissimuladas, podem surgir a partir de uma vivência em grupo.

Sendo assim, ela pode criar passado se baseando nas percepções de outras pessoas, no que imaginamos que aconteceu ou internalizando os aspectos de uma memória histórica.

Pois nas afirmações a seguir ela faz um misto de informações a respeito do primeiro trabalho feminino, para ela bem antes do primeiro **de** círculo de oração em Recife em 1942, no bairro do João Paulo um grupo de mulheres das ‘*antigas*’ assim por ela denominado, já se reuniam na pequena casa de oração, mas esses encontros semanais tinha por nome de: *Reuniões de Senhoras*.

Eu tava em Recife... é eu tava em Recife, quando ele (pastor) formou o círculo de oração do João Paulo, e butou uma senhora como dirigente, e meu marido ficou, porque eu fui assumir uma vaga de emprego aí ele mandou me dizer... o Teresinha tem um círculo de oração aqui no João Paulo e é o pastor é pastor Arthur, Arthur Januário... já morreu. Eu me congregava no João Paulo e tem poucas irmãs, as mulheres mais antigas que hoje vejo os filhos na igreja. Era elas que eram, formaram o círculo de oração, foi um grupo de mulheres assim que era, um grupo de mulheres das antigas e começara a orar na igreja, aí botaram o nome círculo de oração. Assim que é o nome círculo de oração Jardim de Deus. Aí quando começaram o círculo de oração eu era católica adorava santa Teresinha meu nome eu tinha uns dez anos pra onze, aí eu aceitei a Jesus, quando eu aceitei eu tinha 10 anos. Entrevista concedida a entrevistadora. (Amaral, 2019)

As recordações que ela faz sobre essas Reuniões de Senhoras remete ao que (Correa, 2013) explica sobre os encontros de orações que Celina Albuquerque e a irmã Nazaré realizavam em suas casas em busca de um revestimento espiritual. E também ao que descrito nas atas da irmã Zaldinar quem em 1964 havia trabalhos de orações e somente em 1966 houve o primeiro de Círculo de Oração.

Ao mencionar sobre os trabalhos de círculo de oração que foram dirigidos pela mesma, Teresinha do Amaral é bem enfática: *Ah eram muito bons*, com uma longa ficha histórica e muitas recordações ela relembra quando foi empossada para cargo de dirigente dos trabalhos femininos sendo transferida de Recife para São Luís onde morou durante 4 meses.

A senhora que eu substitui, ela ficou viúva ela era dirigente o marido dela morreu aí o pastor me chamou, ela assumiu pouco tempo porque o marido dela morreu aí eu fiquei muitos anos, eu entreguei, não pediram não, eu entreguei.

Teresinha do Amaral no decorrer da entrevista enfatizava sobre a questão da seriedade dos trabalhos de círculos de orações, ressaltando a importância desse trabalho para a manutenção espiritual das igrejas, ela conta que sempre havia um pedido específico no qual as orações eram direcionadas, sejam eles problemas matrimoniais, financeiros ou de saúde, esse último o mais recorrente.

O trabalho de Círculo de Oração é importante, é importante. Porque nos dizia assim, hoje vamos fazer um sacrifício por tal coisa todas de jejum, não sei se fazem, mas no meu tempo era assim.[...] hoje vamos fazer um sacrifício pela igreja que está passando por um problema tal.

Orações com a finalidade de batismo no Espírito Santo sempre foram prioridades nos trabalhos de intercessão, pois significava um revestimento no mundo *espiritual*. No período que atuou nos trabalhos das mulheres ela relembra que foi um período onde ela mais viajava pelos interiores ministrando e ensinando a palavra de Deus, nesse mesmo tempo conta que recebeu muitas homenagens por onde andou.

Tenho muito estudos bonitos, viajei muito, viajei demais, porque o povo de São Luís do interior, tudo eu conheci, tenho muitos estudos lindos. Eu tenho estudos que eu fico olhando hoje.

Ela menciona que havia uma série de questionamentos para que uma mulher viesse a participar do grupo de oração, e, em se tratando das líderes das mulheres, exigia um sacrifício ainda maior, Teresinha ressalta que antes de aceitar a Cristo por ser a única mulher entre os filhos, sempre teve um zelo a mais por parte do pai, ela nos conta que usava *rosetas, cordões da santa Teresinha (por ser devota) anéis e Pulseiras*.

Quando o pastor colocou essa outra como dirigente, eu achei errado, ela é abandonada do marido, não foi ela quem deixou, foi ele quem deixou, tem três filhas, foi justamente ele que deixou. Foi o que a gente soube. Eu deixei o círculo de oração, porque meus filhos sempre falavam, mamãe a senhora não dá mais atenção em casa, papai fica sozinho. Não parava em casa era de manhã e de tarde. Dava atenção pro meu marido só a noite quando chegava, e de madrugada eu levantava pra orar. Meu marido perguntava pra onde eu ia, eu respondia: vou orar pelos meus filhos. Entrevista concedida a entrevistadora. (Amaral, 2019)

A preservação das famílias acabou sendo o principal pilar das igrejas evangélicas, para os cristãos a igreja constitui uma grande família em Cristo, por esse motivo é comum se chamarem de irmão uns aos outros, por mais que não haja nenhuma ligação consanguínea entre eles, a igreja na concepção dos assembleianos é caracterizada com uma noiva a espera do seu noivo, nesse caso seria o Cristo.

Ao mencionar que a atual dirigente de Círculo de Oração foi abandonada pelo marido a ideia reforça do machismo dentro das igrejas, no momento em que um homem deixava sua casa, esposa e filhos automaticamente a sociedade e igreja responsabiliza essa mulher com culpada pela separação, as 'justificativas' apresentadas para condená-la se baseava nos clichês cristãos, colocando a mulher como péssima dona de casa, razões banais são motivos para deixar a esposa, dessa forma o homem fere um princípio estabelecido por Deus, de unir-se a uma só carne

Mas quando passou a ser membro da Assembleia de Deus deixou de usar os adereços ainda na juventude, se dedicando ‘aos trabalhos do Senhor’ assumindo cargos de referências, como professora da Escola Bíblica Dominical e dirigente de círculo de oração, trabalho no qual sempre contou com o apoio dos homens, principalmente dos pastores.

Pra fazer parte do círculo de oração a mulher tinha que ser casada, solteira ou viúva, não podia ser largada do marido. Não podia usar rosetas, anéis esses negócios não, era norma da igreja, mas hoje não estar mais assim. Hoje elas usam tudo, anéis, rosetas, cordões. Até a filha do pastor usa.

Segundo ela, todo esse rigor, fazia parte de uma caracterização do círculo de oração, já que era visto com pilar fundamental das igrejas, as Assembleis de Deus possuía uma aparência que era identificada na vida dos membros, tanto nas suas vestimentas, quanto na vida espiritual, mas hoje estar tudo mudado, até os trabalhos de círculo de oração estão mudados.

3.4 Círculo de Oração trabalho de Complacência ou Resistência feminina.

Na história das Assembleias de os círculos de oração é o primeiro trabalho oficial das e para as mulheres, idealizado, criado e dirigidos por elas, é uma espécie de poder simbólico, que definido por Pierre Bourdieu (1994) para ele, o poder simbólico é um poder invisível que só pode ser praticado com a conivência daqueles que estão subordinados a esse poder ou mesmo daqueles que também o exercem.

O poder exercido pelas mulheres na Assembleia de Deus caracteriza-se entre autoridade e submissão ao seus líderes, mas não implica dizer que seja um trabalho de subserviência, pois as mulheres sempre tiveram participação desde a fundação da igreja no país e no momento em que fazem uso da palavra utilizam o poder mesmo de forma temporária para isso configura-se um poder invisível.

Elas atuam, encabeçam um trabalho, contam com um apoio dos líderes, suas atuações são lembradas em períodos festivos da igreja ou do grupo, porém, no trabalho em si, são elas por elas, neste momento se faz ausente a figura de seus líderes, questionadas sobre quantas vezes seus líderes (pastores e dirigentes) se fez presentes nos trabalhos de círculo de oração, a resposta foram entre sorrisos, bem poucas.

Sentimos falta sim de nossos líderes, embora eles tenham suas obrigações, poucas foram as vezes que vi meu pastor no círculo de oração, mas esse agora dá mais assistência sua esposa canta em todos os grupos de círculo de oração que ela vai pregar. Não temos assistência dos líderes, não recebemos visitas, nos dirigentes,

passamos por provas e não temos com quem conversar, são muitas mulheres com problemas, com marido, filhos, financeiro. Entrevista concedida a entrevistada. Paz, 2019)

Embora seja um trabalho bem recomendado pelos líderes, as mulheres tem o reconhecimento dos seus esforços geralmente em datas comemorativas, tal como a festa da igreja ou do grupo, nas entrevistas realizadas, pude perceber que as dirigentes de círculo de oração, não caracterizam os trabalhos como forma de subserviência a seus líderes.

Elas possuem autonomias, indicam suas auxiliares, a secretaria que cuida da agenda de compromissos do grupo, a tesoureira que cuida dos assuntos financeiros, a regente do coral e definem até mesmo a recepcionista dos trabalhos, dentro dos trabalhos de círculos de oração configura-se uma hierarquia de poderes, não necessariamente as líderes das mulheres são as esposas de pastores.

Para elas, o Círculo de Oração não é um campo de disputas elas estão ali pra servir e não para serem destaque, em rivalidade com os trabalhos das mulheres, em 1986 se tem notícia do Círculo de Oração masculino em Santa Catarina, segundo Santana, o trabalho foi criado na gestão do pastor Satyro Loureiro. Na época, Satyro tinha como seu principal auxiliar na congregação do templo sede, o então presbítero e genro, José Paulino Müller, o qual, teria sido um dos principais incentivadores do projeto.

Segundo Pommerening, 2008, o senhor Paulo Roberto foi indicado pelo dirigente para assumir a liderança do Departamento Geral de oração masculino. Algo bem interessante que o autor coloca é que o trabalho realizado pelos homens não se dava dentro da igreja e sim numa pequena sala do templo.



Blog Memórias da Assembleias de Deus.

Os trabalhos de oração dos homens surgiram em 1986, (IEADJO), Igreja Assembleia de Deus em Joinville, dirigido pelo pastor Satyro Loureiro, porém num artigo publicado pelo extinto Folhetim da mesma denominação na edição de 1982, publica a existência de um trabalho de Circulo de Oração masculino no ano de 1981, no Bairro chamado Vila Nova. do mês de setembro de 1982, sob os cuidados não mais de um pastor, mas de um dirigente (segunda maior ocupação ministerial nas igrejas) que atendia pelo nome Adhemar Pohl.

O assunto foi destaque novamente no Boletim Informativo de novembro de 1982, o qual trouxe uma nova matéria sobre o departamento, anunciando o "pleno funcionamento" de outro Círculo de Oração de varões na congregação do Km 4.

Segundo o periódico, o departamento voltado para os homens, era o segundo criado no campo. Na época, o líder da congregação era o diácono Luiz Carlos Müller, irmão de José Paulino Müller, o grande incentivador do Círculo de Oração masculino para a sede e o campo de Joinville.

O círculo de oração masculino tem grandes semelhanças com o feminino, conta com um dirigente e um auxiliar e participantes, mas não possuem o tradicional nome do grupo, outra informação da imagem retrata que o círculo de oração está em pleno funcionamento e que se moda pegar num futuro que não está muito longe.

Nas igrejas Assembleias de Deus em São Luís não há relatos da existência desses trabalhos na região, presume-se que, por ter origem no sul do país e pouca divulgação do mesmo, as reuniões não tenham logrado, também não há informações a respeito de como se deu a abertura desse trabalho, se houve alguma relação pessoal, chamado 'divino' ou visões míticas. Apenas sabe-se que as reuniões masculinas não alcançaram o êxito nas ADs, embora haja alguns ministérios (Batistas e Quadrangular) que realizam tais trabalhos.

Nas Assembleias de Deus os trabalhos de círculos de oração masculino são poucos divulgados ou até mesmo inexistente, predomina os trabalhos das mulheres entre os assembleianos, contudo, os trabalhos são vistos como reforço espiritual nas igrejas, uma mão de ajuda no ministério pastoral, um auxílio aos necessitados, pois além da função de orar, os círculos de orações também apresentam trabalhos sociais.

Albertina contava que no início dos trabalhos em João Pessoa, o pastor perguntou se as irmãs do Círculo de Oração, poderia ajudar no sustento de um pastor em Cajazeiras, no interior do estado. Na época o valor da ajuda seria de 50 mil réis e a igreja daria o restante. As irmãs se comprometeram a arcar com o valor total de 100 mil réis. (Araújo, 2011)

Com esse relato percebemos que os trabalhos das mulheres não se atém somente a intensas orações realizadas nos templos, embora a missão oficial das mulheres assembleianas é orar, (Alencar,2012) de acordo com as entrevistadas, os trabalhos de círculos de oração são levadas também de casa em casa, dessa forma as mulheres conseguem ter mais acesso a vida íntima umas das outras, aconselhando no que for necessário e agindo quando lhes forem conveniente.

3. 5 O perfil das dirigentes de círculo de oração.

Em se tratando da representante dos trabalhos de mulheres, espera-se que seja uma mulher com padrões de liderança, nisso inclui habilidades de oratória, vestimenta, comportamento, intimidade com Deus, bom com relacionamento com a família e marido e vizinhança, não dada a bebidas, no popular seria uma bela, recatada e do lar, embora a questão das aparências não fossem um critério avaliativo, espera-se simplicidade em suas vestimentas

Porém, uma estética mais simples possível lhe seria de bom grado, sem os exageros das maquiagens ou adereços, mas o que se espera de uma líder é uma postura cristã, para muitos uma dirigente de Círculo de Oração deveria ser a esposa de um pastor ou de um dirigente, pois devido a relevância que esse homem possui na igreja automaticamente ela passa a ser vista com algum diferencial.

Logo essas mulheres seriam alvo em potencial para liderar outras mulheres, pois a ausência de alguns desses atributos poderiam desencadear no preconceito sofrido pela irmã Maria Silva ao ser taxada pelas demais como *analfabeta de interior*. Espera-se de uma dirigente de Círculos de Oração possua inúmeras qualidades obediência, conhecimento da palavra ser organizada quando ao tempo, dessa forma pode aparelhar seus horários entre os afazeres domésticos, filhos, marido e igreja

Outras características das dirigentes de Círculo de Oração, acabou sendo marca nas igrejas ADs, para assumir o trabalho de mulheres a líder deveria ser batizada no

Espirito Santo, pois com essas características assumia um caráter mais sério e responsável perante as demais e com esse atributo a deixava num lugar de superioridade e maior aproximação com seu Deus, como se aquela mulher fosse favorecida entre as demais.

Embora seja a minoria, mas é possível perceber que houve uma mudança no perfil das dirigentes de Círculo de Oração, entre as décadas de 40 – 80, era comum ver senhoras bem idosas liderando outras mulheres, vestimentas padronizadas geralmente branco fazem parte do vestuário das componentes de Círculo de Oração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do Círculo de Oração em São Luís, comemora seus 53 anos de existência, levando em consideração a data do marco oficial nos registros da Assembleia de Deus, um trabalho criado e executado por mulheres desde a sua fundação em Recife.

Na história da igreja, as mulheres tiveram suas participações restritas apenas como membras ou congregadas das denominações e quando mais, são acionadas nos serviços gerias da igreja, tal como organização e limpeza dos templos, suas participações se restringiam apenas nos afazeres domésticos fora de casa.

Os mesmos trabalhos que elas realizavam em casa, acabavam sendo praticados fora do âmbito, isso reforça a ideia dos lugares destinados as mulheres nos espaços religiosos. A criação dos trabalhos de círculo de oração, sendo por uma intuição divina ou não, possibilitou para que as mulheres conseguissem mesmo que de forma gradual maiores conquistas nas igrejas.

Essas conquistas abriram novos leques de oportunidades, pois as constantes cisões dentro do ministério da Assembleia de Deus Missões, viabilizou para que as mulheres usufríssem de cargos de que antes eram exclusivos dos homens, já é possível ver dentro dessas denominações mulheres assumindo a dirigencia de igrejas.

Efetivação que foi possível pela responsabilidade em dá prosseguimento aos trabalhos de círculo de oração por 53 anos em todas as igrejas Assembleias Deus, nesse período, foi possível observar as mudanças que ocorreram dentro do próprio trabalho, pois para se tornar uma líder das mulheres ela tinham que pontuar uma série de requisitos moralistas e religiosos.

Entretanto pensava-se que uma dirigente de Círculo de Oração obrigatoriamente fosse uma esposa de pastor ou algum outro representante da igreja, mas no decorrer dos anos, esse pensamento foi sendo desconstruído à medida que a própria igreja foi cedendo lugares a mulheres com menores instruções escolares, econômicas, mulheres simples das baixas camadas sociais.

Que revelaram um talento nato para conduzir outras mulheres e de forma sutil até mesmo os homens, quando usam de suas habilidades cognitivas para fazer lós mudar de estratégia, quando a mesma percebe que tal decisão desencadearia outros problemas.

Apesar das mulheres dirigentes de Círculos de Oração, não vejam os trabalhos como forma de resistência ao conservadorismo, patriarcalismo e machismo é incontestável que não haja uma subordinação aos seus líderes, pois nas reuniões na maioria das vezes cabem a eles a decisão final.

REFERÊNCIAS

Revistas:

Escola Bíblica Dominical. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

Mensageiro da Paz. 1º de fevereiro de 1931. Ano 1 - nº3, p.6

Bibliografia Consultada:

ALENCAR, **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleias de Deus 1911-2011, Rio de Janeiro: Ed. Novos Diálogos, 2013.

ALVES, **Rubem. O que é religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996.

ARAÚJO, Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulos. 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. (Trad.) Maria Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O Poder Simbólico**. (Trad.) Fernando Tomaz 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.

Cavalcanti, Robinson, 1944 **A Igreja, o país e o mundo; desafios a uma fé engajada / Robinson Cavalcanti**. — Viçosa: Ultimato, 2000.

CAMPOS JR. Luís de Castro. **Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil - 2. ed** – Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CORREA, Marina A.O.S... **A operação do carisma e o exercício do poder. A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2018. v. 500. 372p.

COSTA, O. B. R... **O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas assembleias de Deus.** CADERNOS DE GÊNERO E TECNOLOGIA (CEFET/PR), v. 9, p. 60-76, 2017.

DURKHEIM. Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** (Trad.) Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978.

FERNANDES, R. O. L... **Pentecostalismo, Assembleia de Deus e o estabelecimento da Educação Formal,** Ano de Obtenção: 2006.

FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André. **Reverendo o pensamento conservador.** In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André (Orgs.). **Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 2010. (Col. Pensamento Político-Social, v.3).

FREITAS, Maria Carmelita de. **Gênero/ Teologia feminista: interpretações e perspectivas para a teologia** – Relevância do tema. In: SOTER (org.). **Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.p.13-33. FRESTON, Paul Charles. **Breve história do pentecostalismo brasileiro.** In: ANTONIAZZI, Aberto (et al.). **Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GABATZ, C... **As Mulheres nas Igrejas Neopentecostais: A Busca pelo Protagonismo em Meio a Tradições Hegemônicas.** Sociedade e Cultura, v. 19, p. 95-103, 2016.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** 6. ed. (Trad.) Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GONDIM, Ricardo. (2005). **É proibido-O que a Bíblia permite e a igreja proíbe.** Editora Mundo Cristão - São Paulo-SP.

Gonçalves, Andreia Lisly. G635h **História & gênero** / Andreia Lisly Gonçalves. – Belo Horizonte, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

<https://noticias.uol.com.br/quando-a-igreja-nao-discute-genero-ela-nega-direitos-humanos>. Visualizado em 10/06/2019, as 16:26.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução de Jerfferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes 1992. (O Homem e a História)

IBGE-2010, **Dados estatísticos sobre religião no Brasil**, ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf,

KROB, D. B... **A Igreja e a Violência Doméstica contra as Mulheres**. In: III Seminário Internacional Gênero, Cultura e Mudança, 2014, Fortaleza. Anais do III Seminário Internacional Gênero, Cultura e Mudança, 2014. v. 1. p. 111-116.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MATOS, Maria Izilda Souza de. **Da invisibilidade ao gênero: Odisseias do pensamento – Percursos e possibilidades nas ciências sociais contemporâneas**. In: SOTER (org.). **Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p.67-86.

NEUENFELDT, Elaine. **Gênero, religião e transformação social**. In: SOTER (org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007. p.47-68.

MOTA, E. F. M, **Poder e Subjetividade no Pentecostalismo maranhense: o caso da Igreja Assembleia de Deus (1940-1990)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), 2009.

_____ **Nem todas águas são amargas: uma análise sobre a condição feminina na Igreja Assembleia de Deus em São Luís (1940-1990)**. In: IX Simpósio Anual da ABHR: Religiões e Religiosidades: Entre a Tradição e a Modernidade, 2007, Viçosa. Religiões e Religiosidades: Entre a Tradição e a Modernidade, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. 370 p.

NUNES. Maria José Rosado (org.). **Dossiê gênero e Religião**. In: Estudos feministas. Florianópolis: UFSC, v.13, n.2, p.363-425, 2005

_____ **O Impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. Cadernos PAGU n.16,2001.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2004.

- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.
- POMMERENING, Claiton Ivan (Org.). **O Reino entre príncipes e princesas: 75 anos de história da Assembleia de Deus em Joinville**. Joinville: REFIDIM, 2008.
- PORTELLI, A... **Ensaio de história oral**, São Paulo: Letra e Voz, 2010. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PRIORE, Mary Del. **A mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- REIS, José Carlos. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na primeira República brasileira**, São Luís: EDUFMA; São Paulo: Ed. ABHR, 2006.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71 – 99. jul. / dez, 1995.
- SIEPIERSKI, Paulo. **Contribuições para uma Tipologia do Pentecostalismo brasileiro**. In: GUERREIRO, Silas (Org.). O estudo das religiões: desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SILVA, Rayfran Batista da. **História da Assembleia de Deus no Maranhão: Assembleia de Deus em São Luís 80 anos de pentecostes e evangelização**. São Luís: Edgraf, 2001.
- SILVA, Pekelman Halo Pereira. **As primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luís (1921 a 1957)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), 2006.
- Sociabilidade religiosa: mitos e identidade** / Eduardo Gusmão de Quadros, Maria de Conceição Silva, (organizadores). – São Paulo: Paulinas, 2011.
- SOUZA, Estevam Ângelo de. **O Padrão Divino Para uma Família Feliz**. São Luís: SIOGE, 1995.
- SOUZA, Sandra Duarte de (org.). **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo, 2006.
- STERN, Fábio L... **As diferentes formas de se explicar a origem da doença pela religião**. In: III Simpósio do GT História das Religiões e das Religiosidades, 2013, Maringá. III Simpósio

do GT História das Religiões e das Religiosidades: vida e morte nas religiões e nas religiosidades: programação e caderno de resumos, 2013. p. 48-48.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Feminismo no Brasil: trajetória e perspectivas**. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia Compreensiva.V.1**. (Trad.) Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. UnB, 1994.

PADILHA, Jesiel. Carlos Padilha: **combati o bom combate**. Duque de Caxias, RJ: CLER - Centro de Literatura Evangélica Renascer, 2015.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de Gênero Sobre a Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891 -1940)**. Tese (Doutorado em Educação, Artes e História Cultural) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

APÊNDICES

1ª Entrevista: 07. 07.2019, em São Luís – MA.

NOME: Teresinha de Jesus Silva Amaral.

IDADE: 90 anos.

Luzilene Leal: Em que época ocorreu sua conversão a Cristo.

Ir. Teresinha do Amaral: Quando eu aceitei a Jesus com 12 anos, hoje eu *to* com 90, aceitou eu e uma irmã minha de criação, prima legítima e irmã de criação, nós aceitamos juntas, só que ela estar com três anos que ela partiu pra Jesus, chorei muito, meu pastor veio aqui me confortar, fomos primas legítimas, o meu pai é irmão da mãe dela, a mãe dela ficou junto com meu pai, além de ser irmãos [trecho não entendido] aí nós aceitamos a Jesus, quando um senhor daqui de São Luís, que foi o segundo marido dela, foi pra... ele era da Malária (Malásia) foi para a Malária (Malásia) de Belém aceitar a Jesus, aliás trabalhar e aceitou a Jesus com Gunnar Vingren e Daniel Berg, que foram os primeiros homens da Assembleia de Deus. Aí quando ele veio trouxe o evangelho aí ele falou pra minha mãe que era cunhada dele e a esposa não quiseram, não quiseram aceitar que foi logo no início aí eu aceitei, eu tinha santa Teresinha sou devota, meu nome é Teresinha, ele chegou (*você era devota?*) era devota de santa Teresinha aí ele chegou, eu tinha doze anos e a minha prima irmã criação tinha dez eu era mais velha do que ela, no dia que aceitamos ali no João Paulo era uma casinha era capitão Paulino que dirigia, aí nessa hora aceitou meu irmão, meus irmãos e meus primos e meus primos irmão dela, foi só criança nessa dia, os menino levantou, era o capitão Paulino o nome dele tá na bíblia (*fazendo referência ao apóstolo Paulo*) Eu fui dirigente de círculo de oração por 46 anos, e professora de Escola Bíblica Dominical, eu pedi pra sair, pelos meus filhos que pediram pra eu sair. Aí eu passei no concurso Federal eu já era noiva do meu marido.

Aí eu fiz concurso aqui e mandaram pra Recife porque não tinha gente pra trabalhar lá, eu era professora aqui e como muitos filhos aqui, o dinheiro não dava, aí teve um concurso, deu no jornal, era novinha ainda, quando teve esse concurso federal, aí eu fui fazer parida dela (Apontando para a filha que estava ao lado) ela não é a caçula não. Porque eu era só professora, ganhei o dinheirinho de professora, nós tivemos muitos filhos, aí eu fiz o concurso, aí eu passei, só ficou na cidade quem passou com 10 e 9 eu tirei 8, aí eu fui nomeada para assumir em Recife, fui buchudona, muito filhos.

Luzilene Leal: Como a senhora conheceu seu esposo.

Teresinha do Amaral: Quando conheci meu marido, eu tinha 14 anos, ele tinha 27 vinha de Morros pra ser um pastor Batista, eu sou viúva, quando ele me viu não foi mais, ele veio de Morros ia não sei pra onde estudar pra ser pastor Batista, foi uma coleguinha, a mãe dela gostava muito dele e o pai dela também, o pai dela que mandou chamar ele quando soube que eu estava namorando com ele, aí mandou chamar ele e conversou, menina órfã de pai e nós os crentes somos responsáveis por ela, você vai querer casar com ela? *Eu vou querer casar com ela* aí fizeram a maior festa, chamaram as pessoas da Batista da Assembleia, e foi assim que eu aceitei a Jesus, na Assembleia de Deus juntamente com ela. Eu aceitei na Jesus aos doze anos de idade, estou com 90, porque esse é o caminho. Foi eu quem ganhei a minha mãe pra Jesus, ela morreu aos 34 anos, servir a Deus é Bom demais porque ele nos abençoa.

Luzilene Leal: Como se deu sua trajetória como dirigente de Círculo de Oração.

Teresinha do Amaral: Eu andei muito, dei muitos estudos.

Luzilene Leal: A senhora viajou também em outros estados pra dar estudos?

Teresinha do Amaral: Não, eu não viajei pra outros estados pra dar estudos. Fui pra Recife apenas pra assumir cargo Federal.... Eu tenho vários estudos aqui ainda, mandei minha filha, aquela ali (apontando pra filha sentada um pouco distante de nós) tenho muito estudos bonitos, viajei muito, viajei demais, porque o povo de São Luís do interior, tudo eu conheci, tenho muitos estudos lindos. Eu tenho estudos que eu fico olhando hoje. Tenho um estudo sobre os Recabitás.

Luzilene Leal: Como se deu o seu chamado pra ser dirigente de Círculo de Oração.

Teresinha do Amaral: eu estava em Recife quando meu marido ligou pra mim falando que o pastor havia colocado uma irmã lá como dirigente de círculo de oração. Ser dirigente de Círculo de oração minha filha é muito importante é um trabalho sério, nós fomos escolhidas por Deus, mas as coisas hoje estão mudadas, no meu tempo não era assim, a senhora que eu substitui, ela ficou viúva ela era dirigente o marido dela morreu aí o pastor me chamou, ela assumiu pouco tempo porque o marido dela morreu aí eu fiquei muitos anos, eu entreguei, não pediram não, eu entreguei. Passei 46 anos.

Teresinha do Amaral: Vem aqui, quero te mostrar umas coisas, aqui foi numa festa que teve (Apontando sua localização na foto do quadro, aqui outra festa, aqui também eu já era dirigente,

vem aqui quero te mostrar outras coisas, esse é meu certificado de Bibliotecária, esse é do meu curso de Teologia e esses dois lá, são de reconhecimento de trabalhos de círculo de oração.

Luzilene Leal: O que significa ser dirigente de Círculo de Oração.

Teresinha do Amaral: O trabalho de círculo de oração é importante, é importante. Porque nos dizia assim, hoje vamos fazer um sacrifício por tal coisa todas de jejum, não sei se fazem, mas no meu tempo era assim, as pessoas obedeciam, hoje vamos fazer um sacrifício pela igreja que estar passando por um problema tal.

Luzilene Leal: Como a senhora percebe as mudanças dentro das igrejas Assembleias de Deus

Teresinha do Amaral: Com muita tristeza, com muita tristeza. No círculo de oração tinha muito batismo no Espírito Santo, muitas curas, hoje é até difícil um crente ser batizado no Espírito Santo, porque mudou. Meu marido nunca foi batizado no Espírito Santo, porque os Batistas não acreditam, ele viu a filha dele sendo batizada quando saiu do tanque quando foi batizada em águas. Eu falei pra ele: *Tá vendo João sua filha foi batizada no Espírito Santo*, ele não me disse nada. Ele morreu e nunca foi batizado no Espírito Santo, ele me viu sendo batizada enquanto dormiu, acordou me chamando: *Teresinha Teresinha o que foi, acorda*. E eu falando em línguas, mesmo assim ele não creu. Então minha filha, quando o pastor colocou essa outra como dirigente, eu achei errado, ela é abandonada do marido, não foi ela quem deixou, foi ele quem deixou, tem três filhas, foi justamente ele que deixou. Foi o que a gente soube. Eu deixei o círculo de oração, porque meus filhos sempre falavam, mamãe a senhora não dá mais atenção em casa, papai fica sozinho. Não parava em casa era de manhã e de tarde. Dava atenção pro meu marido só a noite quando chegava, e de madrugada eu levantava pra orar. Meu marido perguntava pra onde eu ia, eu respondia: vou orar pelos meus filhos.

Luzilene Leal: O que era necessário pra entrar no círculo de Oração.

Teresinha do Amaral: Pra fazer parte do círculo de oração a mulher tinha que ser casada, solteira ou viúva, não podia ser largada do marido. Não podia usar rosetas, anéis esses negócios não, era norma da igreja, mas hoje não estar mais assim. Hoje elas usam tudo, anéis, rosetas, cordões. Até a filha do pastor usa.

Luzilene Leal: A senhora observa os Trabalhos de Círculo de Oração, como espaço de disputas das mulheres com os homens.

Teresinha do Amaral: Não... claro que não (risos) no círculo de oração que eu dirigia, eu nem lembrava mais, um colega lá do João Paulo, perguntou *Teresinha tu lembra que no círculo de oração tinha um homem?* Eu nem lembrava, mas tinha um homem mesmo, o único homem.

Luzilene Leal: Ele fazia parte do grupo.

Teresinha do Amaral: Sim Sim, ele fazia parte, tinha até uma foto dele no grupo, essa minha colega que mostrou.

Luzilene Leal: Você teve apoio da liderança da igreja.

Teresinha do Amaral: Sempre tive, eles sempre estavam lá, mas agora eu não sei.

Luzilene Leal: Como foi sua relação com pastor Estevam e a irmã Gizeuda.

Teresinha do Amaral: Gizeuda é muito minha amiga, ela nunca foi dirigente, ela gostava mesmo era de evangelizar nas aldeias, ela tem um projeto muito lindo, ela foi no meu aniversário de 90 anos.

Luzilene Leal: E o pastor Estevam.

Teresinha do Amaral: (Segundos de silêncio) Pastor Estevam foi um grande homem de Deus, nos cultos lá igreja Central ele mandava os irmãos ir pra oração que todo sábado tinha na minha antiga casa, no conjunto dos bancários perto do hospital Dutra, era povo até nas janelas, ele nunca foi porque tinha muitos trabalhos, mas sempre mandava os irmãos ir pra oração na minha casa, era nos domingos de manhã, mas ficou no sábado porque no domingo tem Escola Bíblica. Mas até hoje nós temos orações todos os sábados, nunca deixei de orar, aí eu do café e mando todo mundo embora, meu filho esse que é pastor que dirige as orações. Você não quer vir *pras* orações todo sábado tem.

Luzilene Leal: (Meio constrangida com o pedido, fiz sinal positivamente)

Teresinha do Amaral: Ah, minha filha, eu orei muito pelos filhos é por isso que todos são crentes, até meus netos. Oração é a chave de tudo.

Luzilene Leal: Irmã Teresinha muito obrigado pelas informações, tenha um boa Noite.

2ª Entrevista: 08. 07.2019, em São Luís – MA.

NOME: Maria da Paz

IDADE: 68 anos.

Luzilene Leal: Quanto tempo a senhora tem de evangélica.

Maria da Paz: Aceitei a Jesus aos 34 anos de idade, e há 23 anos dirijo os trabalhos de Círculo de Oração aqui na Vila Palmeira.

Luzilene Leal: Nesse tempo a senhora consegue identificar mudanças ocorridas dentre dos trabalhos das mulheres.

Maria da Paz: quando aceitei a Jesus, eu participava dos trabalhos de círculos de oração, não fazia parte do grupo ia só pra visitar, não era aquele modelo que as mulheres ficavam em jejum o dia todo, eu nunca participei de trabalhos assim, no meu tempo a gente ia pra igreja pela manhã na consagração umas 11 horas voltava pra casa fazer comida e as 14:00 voltava pra igreja pro círculo de oração.

Luzilene Leal: Pode descrever como era esse trabalho.

Mara da Paz: Era como é hoje, orando, cantando, lendo a bíblia, pregando chamava o grupo pra cantar depois orava encerrava o trabalho e todos iam pra casa, é assim que funciona.

Luzilene Leal: Havia batismo no Espírito Santo

Maria da Paz: Hum... Hum... é batismo no Espírito Santo quase não se ver mais, mas tinha... tinha muito, eu ainda cheguei a ver crianças sendo batizadas, hoje não se tem mais isso.

Luzilene: Batismo no Espírito Santo é essencial pra uma dirigente de círculo de oração?

Maria da Paz: sim... a mulher pra ser dirigente de círculo de oração deve ser batizada no espírito santo. Porque ela ta confrontando o reino das trevas. Ela tem que ta revertida do poder de Deus.

Luzilene Leal: Como a senhora ver o papel da liderança nos trabalhos de Círculo de Oração.

Maria da Paz: Sentimos falta sim de nossos líderes, embora eles tenham suas obrigações, poucas foram as vezes que vi meu pastor no círculo de oração, mas esse agora dá mais assistência sua esposa canta em todos os grupos de círculo de oração que ela vai pregar.

Luzilene Leal: Como a senhora observa os trabalhos de Círculos de Oração.

Marai da Paz: O círculo de oração é uma família, a família deve permanecer unida, os irmãos devem se respeitar, os mais novos devem respeitar os mais velhos e vice e versa, não é assim na sua casa? (Respondo fazendo sinal de afirmação) pois é, então porque na casa de Deus o círculo de oração deve ficar brigados, a dirigente de círculo de oração se ela for briguenta com o marido com os filhos, com os vizinhos, ela vai deixar de briguenta na igreja? Não, mas é claro que não, ela vai incentivar as irmãs a brigar também é isso Deus não se agrada, Deus não fez os filhos dele pra brigar uns com os outros.

Luzilene Leal: A senhora observa os trabalhos de Círculo de oração com espaço de resistência feminina.

Maria da Paz: Não de modo algum, círculo de oração não pode ter espaço pra brigas, confusões e *disse me disse*, mas sempre tem alguém insatisfeito né. (Trecho não autorizado pra gravação, fiz uso da anotação com a autorização da mesma) Teve umas irmãs aqui [*Ta gravando isso não né. Eu: não... não estar,*] Teve umas aí que se levantaram contra, [*trecho adaptado pra manter o sigilo da pessoa*] querendo cargo, [*trecho adaptado pra manter o sigilo da pessoa*] então disseram [*trecho adaptado pra manter o sigilo da pessoa*] pro pastor, pois bem é seu. Depois uma outra irmã chamou ele e disse: Pastor se o senhor tirar a irmã (*Joana, nome fictício*) da frente desse trabalho, o senhor vai ver a decadência da igreja, pois é ela quem coloca as irmãs pra orar. Bom, o pastor voltou atrás né.

Luzilene Leal: Porque não usar sua posição de dirigente de Círculo de oração, para estabelecer algumas regras

Maria da Paz: Não posso, hoje não temos os mesmo princípios de antes, os pastores eram mais duros e os trabalhos mais sérios, mas o pastor daqui, é quem manda eu colocar pessoas assim (pessoas que não possuem uma conduta moral para participar dos trabalhos, mulheres que não oficializaram o casamento, separadas do marido, que falam mal do outro) no círculo de oração.

Luzilene Leal: De que forma a senhora observa as imposições dos pastores para que uma mulher pudesse fazer parte do círculo de oração.

Maria da Paz: Ah minha filha; imposição é o que estão fazendo agora, antes pra entrar no círculo de oração, não era assim não, tinha respeito, as mulheres passava por um período de observação, tudo era observado, suas vestes, seu comportamento na família, com os vizinhos, na igreja, a gente tinha que saber se elas gostavam de falar da vida dos outros, uma pessoa dessa jamais entraria no círculo de oração, porque é um trabalho sério, Deus fala com a gente, nós somos responsáveis pelo equilíbrio da igreja. Mas hoje não é assim, hoje vemos de tudo, mulheres de unha pintadas, cabelo pintados e cortados, algumas não querem usar a farda branca, lá na igreja onde eu dirijo os trabalhos é a única igreja da área que faz chamada das mulheres, tem umas lá, com uma ou duas presenças no caderno.

Luzilene Leal: Muito obrigada pelas informações e Boa Tarde.

3ª Entrevista:20/09/2019, em São Luís – MA.

NOME: Irmã Maria (nome fictício)

IDADE: 96 anos.

Luzilene Leal

Irmã Maria: Então é você a moça que me disseram que queria falar comigo, sobre o círculo de Oração. Você é de que igreja?

Luzilene: vim para fazer um trabalho de monografia a respeito dos círculos de oração das igrejas Assembleias de Deus.

Irmã Maria: Você é evangélica?

Luzilene: Sim.

Irmã Maria: de que igreja?

Luzilene: Assembleia.

Irmã Maria: ah, sim! [risos] Assembleia de Deus, mudou muito né... [risos] entra minha filha... pode entrar. Senta aí.

Luzilene: Obrigado.

Irmã Maria: eu tenho 96 anos, desses 96 dediquei 52 anos nos trabalhos da casa de Deus, como dirigente de Circulo de Oração em Pedreiras e São Luís.

Luzilene: a senhora nasceu numa família de evangélicos?

Irmã Maria: não, meus pais eram católicos, quando a Assembleia de Deus chegou no Maranhão, um ano depois eu nasci, eu acompanhei toda história da igreja. Meus pais aceitaram a Jesus com os missionários que vieram de São Luís. Aí quando nasci meus país já eram crentes, lá em Lago da Pedra, aí quando eu casei fui morar em Pedreiras eu casei muito cedo, eu tinha 16 anos, meu marido tinha 32 anos, já era pai de 4 filhos pequenos, a esposa dele tinha morrido no parto junto com a criança, ele era dirigente de igreja lá em Pedreiras, aí fui embora pra lá quando casei. Quando conheci o meu marido foi lá em pedreiras numa Convenção da igreja, meu pai queria que eu cassasse logo, minha mãe disse que eu era muito novinha, que ainda não dava, mais meu pai sempre falava que homem não gostava de moça velha, aí com 16 anos eu casei. Aí fui embora de Lago da Pedra e fui morar em Pedreira.

Luzilene: Como foi sua vida lá em Pedreira, tão nova e com a responsabilidade do casamento e mãe, esposa de dirigente.

Irmã Maria: Não foi fácil, não foi nada fácil, lá em Lago da Pedra era bem pobrezinho, não tinha escola, a gente passava fome, pra estudar tinha que sair de lá e vim pra cidade, mas a gente não tinha dinheiro nem pra comer, nunca fui a escola, mais sempre tive vontade de estudar e dizia que quando eu viesse pra cidade eu ia estudar. Então eu casei cedo, a igreja lá era bem pequena, fui trabalhar com as crianças, tinha muita criança lá. Eu ensinava o que ouvia da bíblia, porque não sabia ler. Então tive meu primeiro filho, depois vierem mais 3, então não podia mais ser tão frequente na igreja, por causa das crianças e da casa, meu marido ficava responsável pela igreja. Era muito problema, ele chegava em casa brigando, as vezes batiam em mim e nas crianças.

Luzilene: de que forma assenhora tratava esses atos de violência?

Irmã Maria: eu não podia fazer nada, eu só apanhava, e tentava defender meus filhos e os filhos deles, que já eram maiorzinhos. Depois de anos casada, fiquei sabendo pela família da ex mulher dele que ela veio a morrer depois que ele bateu nela ainda grávida, por isso que ela morreu junto com a criança, Deus levou.

Luzilene: lá em Pedreira, por ter casado com um home agressivo, a senhora teve contato com outras mulheres que também, sofreram agressão por parte de seus maridos?

Irmã Maria: Tive sim, aqui em São Luís tive mais. Muita mulher vinha me procurar pra falar de alguma violência que sofreu dos maridos, já vi casos ate de estupro.

Luzilene: você poderia descrever algum desses casos?

Irmã Maria: Lá em Pedreiras, uma mulher crente, serva de Deus, viviam apanhando do marido, um dia ela chegou na igreja toda marcada, porque o marido não queria deixar ela vim pra igreja.

Luzilene: qual a atitude que a igreja tomava nessas questões de violência contra as mulheres?

Irmã Maria: Nenhuma, dizia que era pra ela orar pra Deus salvar, que o casamento era coisa de Deus e que a separação do diabo. Nesses 96 anos, eu nunca via igreja fazer nada para ajudar essas mulheres, nem as dirigentes de Circulo de Oração conseguimos fazer alguma coisa, porque tudo tem que passar pelo pastor.

Luzilene: então os pastores incentivam as mulheres a não denunciar?

Irmã Maria: eles não querem sujar a imagem da igreja. Então eles conversam. conversam... e fica tudo do mesmo jeito. Antes não tinha essa lei aí Maria da Penha. Era resolvido tudo ali mesmo.

Luzilene: a senhora como líder das mulheres, nos trabalhos de círculos de oração, tinha conhecimento de mulheres que eram agredidas por seus esposos?

Irmã Maria: até hoje eu converso com mulheres que apanham de seus maridos, não só mulheres, meninas também, muitas aqui na igreja preferem falar comigo do que com as pais.

Luzilene: porque a senhora se tornou esse símbolo de refúgio para essas mulheres?

Irmã Maria: porque isso também aconteceu comigo, eu entendo elas, eu sei o que é sofrer e não ter uma pessoa pra nos socorrer, a gente não pode contar, sabe.

Luzilene: qual a sua atitude quando tem conhecimento desses casos.

Irmã Maria: minha filha, por causa disso, é que estou nesse outro ministério, deixei a Missões. Quando vim de Pedreiras, foi porque meu marido foi acusado de estuprar uma menina lá, ela era de família bem pobre, pior que a minha, ela vivia lá por casa, me ajudando quando eu estava parida. Era a palavra de uma menina contra de um homem, o pastor mandou a gente vim pra São Luís. Eu não deixava ele sozinho com minhas filhas, eu tinha medo, tinha muito medo. Minha filha tu é evangélica né, tu sabe que a igreja não socorre as mulheres. Ficam do lado dos homens. Tu já leu aquela passagem da mulher adúltera?

Luzilene: Já sim.

Irmã Maria: o que tu entendeu.

Luzilene: que apenas ela foi levada para ser condenada ao apedrejamento, sendo que ela estava na companhia de um homem, pois na lei mosaica dizia que ambos que fossem pegos no ato de adultério deveriam ser apedrejados. E que na epigrafe do texto fala da mulher adúltera e não do casal adúltero.

Irmã Maria: Falou bem. Mais isso acontece até hoje. Você é casada Luziene.

Luzilene: Não. Não sou casada.

Irmã Maria: quando tive minhas duas filhas, orava muito pra Deus dá um bom marido pra ela, e pro meus filhos ensina eles a ser um bom marido pra suas esposas, todos os meus filhos são formados, três são advogados e a caçula ta estudando medicina, foi a última a estudar, porque

trabalhava na prefeitura. Eu sempre incentivei meus filhos a estudar. porque eu disse que quando chegasse na cidade, eu ia estudar. Terminei o ensino médio com 68 anos. Aos 73 fiz a faculdade em Administração. Comecei a estudar aos 57 anos e já era dirigente de Circulo de Oração, dirigi esse trabalho mais de 50 anos quando ele surgiu lá na igreja do Anil, João Paulo, rápido veio pra cá. Pastor Estevão, já tinha fundando igrejas em quase toda cidade. A primeira dirigente estava há pouco tempo, os trabalhos estavam começando na cidade, acho que nem tinha círculo de oração nos interior. Aí quando ela morreu, eu assumi, me dediquei muito ao trabalho.

Luzilene: de que forma assenhora consegui conciliar, casa, família, estudo e igreja.

Irmã Maria: minha filha. Nem eu sei. Foi Deus. Quando cheguei na cidade eu tinha 42 anos e já tinha uma reunião de mulheres toda a tarde nas igrejas. E tinha essa mulher que dirigia, ela já era bem idosa, mas cheia de vontade de servir a Deus, quando assumi a círculo de oração eu tinha 45 anos. Passei mais de 50 anos trabalhando nessa igreja.

Luzilene: Como foi o período em que passou a frente dos trabalhos de círculo de oração.

Irmã Maria: Foi nesse período que meu marido faleceu, foi um tempo muito difícil pra mim, não pela ausência do marido, mas sim por muitas provas eu passei, o círculo de oração é um trabalho essencial para manutenção da igreja, mas pouco assistido.

Luzilene: como assim pouco assistido.

Irmã Maria: não temos assistência dos líderes, não recebemos visitas, nos dirigentes, passamos por provas e não temos com quem conversar, são muitas mulheres com problemas, com marido, filhos, financeiro. E muitas delas preferem confiar em outra mulher, não se sente confortável conversando de assuntos íntimos com um homem. No começo minha filha não foi fácil não. Exigia muito da mulher pra ela entrar no círculo de oração por é um trabalho sério, exigia roupa adequada, cabelo não cortado, sem acessórios, sem pinturas, bom exemplo, boa dona de casa, boa mãe, enfim boa em tudo, uma mulher perfeita, bastava tropeçar em alguma coisinha e a igreja toda condena ela. Mas dos homens nada era exigido, até pra ser pastor parece que era facilitado, bastava entender da bíblia. Olha, pra uma mulher entrar no círculo de oração ela passava por uma sabatina e depois um período de observação da vida dela. Mas pra ser pastor não precisa disso não, porque se precisasse mais da metade dos que tão ali cai. Quantas mulheres de pastores são infelizes. Lembro de um caso de uma mulher de pastor que foi obrigada pela família a casar com ele, porque a igreja não ordena ao pastorado homem solteiro.

Tem muita, já conversei com muita delas. Vivem de aparência, por dentro pedem socorro. Passei por lutas terríveis, quando eu ainda estudava, um grupo de mulheres do círculo de oração, falaram que não queriam ser representadas por uma analfabeta de interior. Mais isso me machucou profundamente, pensei em desistir, a irmã Teresinha do Amaral lá do João Paulo que me ajudou bastante, eu encontrei uma amiga, uma mulher de Deus. Você é crente né, você entende.

Luzilene: Entendo, até porque isso são coisas que não se atem numa relação com Deus, é uma questão de humanidade é ferir a essência de uma pessoa.

Irmã Maria: é sim [silêncio] ... de tanto eles exigirem olha como ta igreja hoje, essa igreja, tem uma dívida histórica muito grande com muita gente. Tem lá uns eventos pra mulheres, mas é só naquele instante, é uma sensação de alívio e amparo passageiro. Depois cada uma volta a sua rotina de solidão. A igreja não cuida de suas mulheres, as mulher lá é só pra orar, interceder, limpar a igreja e organizar tudo lá. Mas cadê o reconhecimento dessas, com cargos de ministérios.

Luzilene: então a senhora é favorável ao pastorado feminino.

Irmã Maria: sim, eu apoio é uma forma que as mulheres tem de mostrar que são tão eficientes quanto os homens. Elas tem capacidade de ser pastoras sim, já tem mulher aí que são dirigentes de igreja. Apesar do centenário, a igreja ainda é muito atrasada.

Luzilene: Então a senhora considera os trabalhos de Circulo de Oração como forma de resistência ao conservadorismo masculino?

Irmã Maria: Não, minha filha. Porque na obra de Deus, não podemos medir forças pra saber quem é mais importante ou melhor. O círculo de oração veio pra contribuir e não pra dividir. Deus quer a união das pessoas, olha nas igrejas tem muito disso, as pessoas ficam disputando cargos, por isso a Assembleia de Deus vive se dividindo. O círculo de oração hoje é o fortalecimento da igreja e colocam as mulheres como destaque, por isso que quanto maior for o número de pessoas lá, maior é a chance das outras querer tirar ela de lá. O círculo de oração hoje tem duas funções, uma é ajudar a igreja em oração e a outra é ajudar as mulheres além da oração.

Luzilene: porque a senhora acha que algumas mulheres desejam tanto essa liderança

Irmã Maria: minha filha eu não sei, talvez porque querem se mostrar que tem poder.

Luzilene: como assim mostrar que tem poder

Irmã Maria: mostrar que é líder que é mais que a outra. Círculo de oração é chamado de Deus, não importa se tu sabe ler ou não, se é pobre ou rico, se é preto ou branco, só sei que é uma responsabilidade que Deus deu pra mulher. Deus é quem capacita.

Luzilene: Muito obrigado pela entrevista. E um boa noite pra senhora.

Irmã Maria: ta bom minha filha. Vai com Deus. Quero ver esse teu trabalho, se Deus ainda não tiver me levado. Deus te abençoe.